

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Iris Massena Gallagher

**Geração canguru: entre o conforto
e o desamparo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Psicologia do Departamento de
Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro

Março de 2013



Iris Massena Gallagher

**Geração canguru: entre o conforto
e o desamparo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora a baixo assinada.

Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Celia Regina Henriques

Sem Vínculo

Profa. Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreiro

Departamento de Psicologia - UFF

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 15 de março de 2013.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Iris Massena Gallagher

Graduada em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Psicoterapeuta Cognitivo Comportamental pelo Centro de Psicologia Aplicada e Formação, CPAF-RJ. Possui experiência na Área de Psicologia Clínica e Saúde Mental. Atualmente trabalha como terapeuta para os sobreviventes do furacão Sandy na cidade de Nova York.

Ficha Catalográfica

Gallagher, Iris Massena

Geração canguru: entre o conforto e o desamparo / Iris Massena Gallagher; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2013.

98 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2013.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Prolongamento da convivência familiar. 3. Vantagens. 4. Desvantagens. 5. Vida profissional e afetiva. 6. Planos para o futuro. I. Féres-Carneiro, Terezinha. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

À professora Terezinha Féres-Carneiro, minha orientadora, pelo apoio, dedicação e sábias observações ao longo deste trabalho.

À Celia Regina Henriques, pelo incentivo e generosidade ao compartilhar seus conhecimentos comigo.

À PUC-Rio e à CAPES, pelos auxílios concedidos.

À Marcelina Andrade e Vera Silva, funcionárias do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Aos participantes deste estudo, por terem compartilhado comigo seus pensamentos e sentimentos.

Resumo

Gallagher, Iris Massena; Féres-Carneiro, Terezinha (Orientador). **Geração canguru: entre o conforto e o desamparo**. Rio de Janeiro, 2013. 98p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O fenômeno do prolongamento da convivência familiar pode ser compreendido como uma forma de organização familiar que responde à instabilidade do contexto atual. O jovem contemporâneo convive com a ausência de segurança no campo profissional e afetivo, encontrando suporte na vida em família. Assim, ele se depara com o contraste entre o desamparo do “mundo lá fora” e o conforto na casa da família, uma vez que esta tem oferecido cada vez mais diálogo entre os membros. Esta dissertação tem como objetivo investigar as motivações, os obstáculos, a vida profissional, a vida afetiva e os planos para o futuro dos jovens adultos que moram com os pais. Para isto, recorreremos ao campo da psicologia, da psicanálise, da sociologia e da história. Utilizamos metodologia qualitativa e entrevista semi-estruturada, que contemplou temas relevantes, relativos ao prolongamento da convivência familiar. Entrevistamos 8 sujeitos das camadas médias da população carioca, com idades entre 26 e 35 anos e que moram com os pais. Verificamos que os sujeitos destacam como vantagens de viver com os pais a questão econômica, a organização, a praticidade, o diálogo e o alento. Como desvantagens, eles apontam para a falta de privacidade e o sentimento de não pertença à casa da família. A vida profissional dos sujeitos é marcada por experiências de curto prazo e pelo medo em relação ao futuro. Porém, alguns sujeitos buscam no emprego público a garantia de uma vida mais estável. Já a vida amorosa dos entrevistados, é caracterizada principalmente pela flexibilidade dos laços amorosos. O quadro instável da atualidade, enfim, produz medo e insegurança nos sujeitos. Constatamos que diante dessa realidade, é comum que o jovem evite fazer planos para o futuro a fim de proteger-se contra possíveis frustrações.

Palavras-chave

Prolongamento da convivência familiar; vantagens; desvantagens; vida profissional e afetiva; planos para o futuro.

Abstract

Gallagher, Iris Massena ; Féres-Carneiro, Terezinha (Advisor). **The kangaroo generation: between comfort and helplessness**. Rio de Janeiro, 2013. 98p. MSc Dissertation – Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The phenomenon of delayed home-leaving can be understood as a new family structure that responds to the instability of the current context. The contemporary youth cope with the lack of security in their professional and emotional lives, and find support in family life. Thus, they face the contrast between the helplessness of the “outside world” and the comfort of the family home, since contemporary families tend to have an open dialogue. This study aims to investigate the motivations, obstacles, professional life, emotional life, and plans for the future of young adults living with their parents. To this end, we turned to the fields of psychology, psychoanalysis, sociology and history. Qualitative method and semi-structured interview were used, which included relevant issues concerning the phenomenon of delayed home-leaving. The subjects of our study were 8 middle class adults living with their parents in Rio de Janeiro, between the ages of 26 and 35. We found that the subjects highlight the economic issues, organization, practicality, dialogue, and support as advantages of living with their parents. As disadvantages, they point out the lack of privacy, and feeling that they do not belong to the family home. Their professional lives are characterized by short-term employment and fear of the future. However, some subjects seek public employment to ensure a more stable life. Yet, the love life of interviewees is characterized primarily by the frailty of bonds. The instability of our time produces insecurity and fear in the subjects. We verified that given this reality, it is common for young adults to avoid making plans for the future in order to protect themselves from potential frustrations.

Keywords

Delayed home-leaving; advantages; disadvantages; professional and emotional lives; plans for the future.

Sumário

1	Introdução.....	8
2	Repercussões do contexto social e familiar na vida do jovem adulto contemporâneo	12
2.1	A ideologia igualitária do contexto contemporâneo	12
2.2	O prolongamento da adolescência	19
2.3	O mundo do trabalho e o desamparo do sujeito contemporâneo	25
2.4	A separação entre pais e filhos	35
3	Os jovens e o quadro amoroso contemporâneo	39
3.1	A impermanência e a fragilidade dos laços afetivos na contemporaneidade	39
3.2	O casamento contemporâneo	46
3.3	O adiamento do casamento na contemporaneidade	55
4	Pesquisa de Campo.....	59
4.1	Metodologia	59
4.2	Análise e discussão dos dados	62
5	Considerações finais	85
6	Referências bibliográficas	88
7	Anexo I.....	96
8	Anexo II.....	98

Introdução

A temática do prolongamento da convivência familiar vem despertando o interesse da mídia e de pesquisadores, na medida em que essa tendência vem crescendo em diversos países. Muitas denominações têm sido utilizadas para referir-se aos adultos que moram com os pais: *geração boomerang* (Paul, 2003), nome dado aos jovens adultos americanos que retornaram para a casa dos pais; *geração canguru* (Henriques, 2004); *fenômeno do ninho cheio* (Wagner, 2006); dentre outras. Utilizamos aqui o termo *geração canguru* por ser o mais divulgado nos meios de comunicação. De qualquer maneira, apesar de ainda não possuírem uma denominação unificada, os adultos que moram com os pais vêm chamando a atenção da população e provocando diferentes opiniões, desde a ideia de conforto e acomodação até a percepção de incômodo devido à dependência dos pais.

Dados do IBGE (2011) e da Kantar Worldpanel (2011) revelam que, desde 2009 o número de jovens residindo com os pais na faixa dos 25 aos 30 anos, cresceu de 3,3 para 4,7 milhões. A porcentagem dos lares que contam com a presença de um filho nessa faixa etária, em 2011, subiu 42% em relação ao ano de 2009. Sendo assim, diante de tamanha frequência, esta dissertação volta sua atenção para a compreensão desse fenômeno.

Entendemos o adiamento da saída da casa dos pais como o surgimento de uma nova forma de organização familiar, fruto do cenário impermanente e instável da atualidade. O jovem convive com a constante sensação de insegurança em relação à carreira profissional, à vida amorosa e ao futuro. Dessa forma, os pais vêm assumindo cada vez mais a função de oferecer apoio aos filhos que se defrontam com a dura realidade fora dos muros da família.

No entanto, a emancipação dos filhos também pode ser dificultada pela dinâmica familiar. Wendling & Wagner (2005) assinalam que é comum que os pais aumentem as regalias e concessões aos filhos, facilitando que estes permaneçam na casa da família. A convivência entre pais e filhos torna-se, assim, menos conflituosa e mais vantajosa para ambas as gerações.

Além disso, as relações entre as diferentes gerações da família estão se tornando mais vantajosas devido à predominância da ideologia igualitária nos dias atuais. Araújo (2009) destaca que a tendência é que os membros da família busquem estabelecer relações mais democráticas, buscando o diálogo, o respeito às diferenças e a divisão de responsabilidades de modo mais igualitário para todos. Dessa maneira, a distância hierárquica entre pais e filhos está se dissipando.

Tendo em vista as dimensões individual, familiar e social do nosso objeto de estudo, adotamos uma abordagem multidisciplinar, recorrendo a estudos das áreas da psicologia, da psicanálise, da sociologia e da história. Acreditamos que o diálogo entre essas diferentes disciplinas possibilita uma análise mais abrangente dos diferentes fatores que constituem esse fenômeno e amplia as visões que ajudam a compreender nosso tema de pesquisa.

Este trabalho começa descrevendo o cenário contemporâneo a fim de contextualizar esse fenômeno socialmente e historicamente. Em seguida, enfocamos as relações amorosas contemporâneas, sinalizando a forma como a geração atual vem constituindo seus vínculos afetivos. Finalmente, apresentamos nossa pesquisa de campo, que explora as motivações, os obstáculos, a vida profissional, a vida amorosa e os planos para o futuro dos adultos que moram com os pais.

No primeiro capítulo, pontuamos algumas características da pós-modernidade que propiciam o mapeamento da situação em que o jovem adulto se encontra. Iniciamos discutindo a tomada de força da ideologia igualitária que rege a sociedade atualmente. Para isso, optamos por descrever o quadro de mudanças ocorridas ao longo do tempo: a família brasileira no período colonial e a predominância da hierarquia entre os membros, a constituição da família nuclear e do casamento por amor, e a tendência de que a família contemporânea busque a igualdade entre os membros. Em seguida, destacamos a tendência atual de que a adolescência se prolongue. Mostramos também como o sujeito contemporâneo é afetado pela ausência de garantias do mundo do trabalho. Enfatizamos, sobretudo, as dificuldades que o indivíduo enfrenta ao adentrar na vida adulta e ter de se defrontar com a insegurança do “capitalismo flexível” (Sennett, 1998). Por fim, destacamos o processo de separação entre pais e filhos, apontando para a importância do ambiente familiar do indivíduo, uma vez que a família pode facilitar ou gerar obstáculos para a emancipação dos filhos.

O segundo capítulo desta dissertação trata das relações afetivas na contemporaneidade. Primeiramente, assinalamos como os laços afetivos vêm se constituindo, apontando para a efemeridade dos mesmos. Em seguida, examinamos as mudanças pelas quais o casamento vem passando. Encerramos ressaltando a tendência de que o casamento se adie nos adias atuais. Enfatizamos que a priorização da carreira em detrimento da vida amorosa, o prolongamento da adolescência, a fragilidade dos vínculos afetivos e sociais, e o ideal de liberdade são fatores que contribuem para que o casamento se realize cada vez mais tarde.

No terceiro capítulo, apresentamos a pesquisa de campo realizada. Inicialmente descrevemos a maneira como o nosso trabalho foi realizado. A seguir, explicitamos as análises de nossas entrevistas, que foram realizadas com base no método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2009). Entrevistamos oito jovens que coabitam com os pais, quatro homens e quatro mulheres residentes na cidade do Rio de Janeiro. Buscamos sujeitos com idades entre 26 e 35 anos, solteiros e com ensino superior completo. As entrevistas foram semiestruturadas e seguiram um roteiro que contemplou os seguintes temas: *vantagens e desvantagens de viver na casa da família, relações amorosas, relação dos pais com os parceiros dos filhos, planos de casamento, mundo do trabalho, relação dos pais com os trabalhos dos filhos, planos profissionais, e como os indivíduos se veem daqui a um tempo*. Durante as entrevistas, os sujeitos apontaram também para outros temas relevantes, como a contribuição financeira dos mesmos com as despesas da casa, a participação nas tarefas domésticas, o refúgio no próprio quarto e a dificuldade de separação entre pais e filhos. Assim, incluímos esses temas em nossas análises para aumentar o entendimento acerca do fenômeno estudado.

Finalmente, apresentamos as conclusões da nossa pesquisa. Ressaltamos que a instabilidade da atualidade afeta a vida profissional e amorosa dos jovens, fazendo com que estes criem diferentes formas de lidar com esse quadro. Enfatizamos que a tendência é que os jovens busquem viver somente o momento presente devido às incertezas que o futuro apresenta. Indicamos também que a dificuldade de separação da família pode partir tanto dos filhos quanto dos pais. Além disso, assinalamos que apesar de os filhos apontarem sobretudo para o fator econômico como justificativa para a permanência na casa dos pais, outras motivações são igualmente importantes, como a praticidade, a organização, o

diálogo e o alento do lar. Salientamos, em seguida, que as mulheres têm menos liberdade do que os homens para dormir com os parceiros na casa dos pais. Pontuamos ainda que os entrevistados tendem a se refugiar em seus quartos e a não se sentir pertencentes à casa da família. Encerramos ressaltando a importância de analisar a geração canguru a partir de uma perspectiva psicossocial e histórica, uma vez que ela é produto das transformações a que a família e a sociedade vêm se submetendo ao longo dos anos.

2

Repercussões do contexto social e familiar na vida do jovem adulto contemporâneo

2.1

A ideologia igualitária do contexto contemporâneo

Cândido (1951) descreve a família brasileira no período colonial como patriarcal. Esse modelo de família era organizado em torno do núcleo central, no qual predominava a dominação e a autoridade do chefe da família. Como exemplo dessa organização hierárquica, o autor ressalta que os filhos se dirigiam ao pai e à mãe como *Senhor Pai* e *Senhora Mãe* e se referiam a eles como *Vossa Mercê*. Além disso, os filhos deviam pedir a benção aos pais de manhã, de noite, e sempre que os encontravam.

O autor postula que o sujeito era inteiramente subordinado ao interesse do grupo familiar e obrigado a adaptar sua conduta aos valores da família. Na medida em que a estabilidade e a continuidade da família eram mais valorizadas do que seus aspectos emocionais, tal subordinação era dificilmente contestada. Os filhos viviam, dessa forma, sob as regras da autoridade do pai. Era ele quem escolhia o cônjuge e arranjava o casamento dos membros, desconsiderando, assim, o desejo dos filhos.

Campos (2003) aponta para a distância e o formalismo da família patriarcal, destacando o papel do pai como punidor. A autora assinala que o pai submetia os filhos a um sistema disciplinar severo, educando-os com castigos corporais. O chefe de família buscava exercer sua autoridade sobre a mulher, os filhos, e os demais agregados. Assim, hierarquia paterna transformava a mulher e os filhos em submissos severos e o homem ocupava o símbolo de autoridade.

Willems (1953) acrescenta que o patriarca da família controlava a conduta dos seus membros, vigiando estritamente o namoro dos filhos. O autor afirma ainda que após o casamento, o marido assumia o papel de pai autoritário e dominador, enquanto a mulher ocupava o lugar de dona de casa. Os papéis de

gênero na família eram bem delimitados, com seus membros ocupando posições que reforçavam a autoridade paterna.

O casamento passa a se basear no amor quando as Revoluções Burguesas iniciam a dessacralização da Igreja. Macfarlane (1990) afirma que no século XVIII a burguesia reconheceu a liberdade de contratar um casamento. Nesse processo, os jovens passaram a desvalorizar aspectos exteriores como propriedade e desejo dos pais e a considerar os sentimentos para a escolha do cônjuge. Para a maioria da população o casamento passou a se basear no “amor”. Um novo ideal de casamento vai se constituindo aos poucos no Ocidente, em que se impõe o amor dos cônjuges.

Assim, o casamento por amor se estabeleceu na modernidade como regra básica. A família afastou-se cada vez mais da linhagem e recolheu-se da vida coletiva para a intimidade, firmando o modelo nuclear. Giddens (1993) mostra que nesse momento, um casamento eficaz era determinado pela divisão de trabalho entre os sexos, com o marido dominando o trabalho remunerado e a mulher, o trabalho doméstico.

Rocha-Coutinho (1994) ressalta que esse modelo familiar resultou no confinamento da mulher à esfera doméstica. A partir do aparecimento do amor materno, do amor conjugal e do sentimento doméstico de intimidade, o romantismo começa a ser usado como um instrumento cultural para impedir a mulher de conhecer sua verdadeira condição de opressão.

A família passa a se centrar em torno da mulher-mãe nesta realidade familiar baseada na afeição e na intimidade maior entre pais e filhos. Ela passa a ser a principal responsável pelo bem-estar da criança e do esposo e é importante intermediária entre o pai e os filhos e na relação da família com o médico e a escola. A mulher passa a viver para o amor a seus filhos, a seu esposo e a sua casa, mantendo-se distante dos problemas e das tentações do mundo do trabalho, que deveria ficar sob o encargo do homem.

No casamento baseado no amor são exaltadas as doçuras da maternidade, que se converte na atividade mais invejável e doce que uma mulher pode esperar. O amor materno é a origem e o ponto fundamental da criação do espaço sentimentalizado do lar, em cujo interior a família vem se refugiar. Assim, a mãe adquire uma importância que jamais tivera.

A família nuclear, no entanto, vem dando lugar à família pós-moderna, caracterizada pela aceitação de diversos arranjos conjugais e relações mais flexíveis entre os membros (Doherty, 1992). Nesse processo, as relações familiares se tornam cada vez mais igualitárias.

A autoridade da família tradicional moderna transformou-se em nome do ideal igualitário. A ordem moderna foi substituída por parâmetros que visam à igualdade entre os sujeitos. Desse modo, emergiu uma nova era caracterizada pela igualdade de direitos e a sociedade patriarcal baseada na hierarquia enfraqueceu-se.

Para Sennett (1974), as relações igualitárias surgiram quando as relações sociais passaram a ser personalizadas. O autor ressalta que a impessoalidade da esfera pública foi quebrada, dando lugar a uma sociedade que busca a intimidade.

A partir da ideologia da intimidade, os indivíduos mostram traços de sua intimidade na esfera pública, visando estabelecer relações cada vez mais próximas. A aproximação entre as pessoas passa a ser vista como um bem moral, enquanto a impessoalidade é vista como um mal na sociedade. Assim, devemos mostrar a cada momento o que “realmente” somos para as outras pessoas.

O autor assinala que a crença predominante nos dias de hoje é a de que devemos nos aproximar do universo psicológico da pessoa para que o relacionamento se torne mais real e autêntico. As relações são embasadas, então, na valorização do psicológico e na ideologia do íntimo. De acordo com Sennett (1974), a sociedade funciona

em nome de uma remoção de barreiras entre as pessoas, de uma aproximação entre elas, mas só conseguirá fazer com que as estruturas de dominação na sociedade sejam transpostas para termos psicológicos (p.409)

Heilborn (2004) acrescenta que o princípio da psicogenicidade envolve a tematização da sensibilidade e do mundo das emoções, no qual os sentimentos devem ser nomeados e a subjetividade do sujeito deve ser cultivada. A autora afirma que “o valor ‘psicológico’ nesse universo torna-se potente mediante a presença de uma cultura psicológica altamente difundida” (p.111).

Esse princípio estaria imbricado na ideologia igualitária que vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade brasileira. Heilborn (2004) sustenta que os valores da família das camadas médias vêm sofrendo mudanças

significativas, devido ao ideal de igualdade. Dentre essas mudanças, a autora aponta a contestação da distinção de gênero como conformadora da dinâmica conjugal, a liberdade do exercício da sexualidade para os dois sexos, o surgimento de múltiplos arranjos conjugais, e a ampla aceitação do divórcio e da maternidade fora do casamento.

Segundo a autora, a tendência é buscar a “igualdade”, a “autenticidade” e a “desrepressão” nos relacionamentos. O comportamento e a interação entre os indivíduos são, assim, influenciados pela singularidade e pela liberdade individual, levando à recusa da distinção hierárquica entre os gêneros. O rompimento das distinções entre os membros da família se enquadraria na

representação de um indivíduo como um ser cujas propriedades básicas-igualdade e liberdade- são atributos naturais e, dessa forma, o que venha a limitar suas potencialidades é percebido como nefasto e constrangimento ilegítimo por parte do social (p.112)

Salem (1989) mostra que o igualitarismo está profundamente imbricado no individualismo, posto que este supõe a igualdade dos indivíduos. O princípio de igualdade, aliado aos preceitos de liberdade e de prazer, formou a noção de família igualitária, na qual as relações não apresentam uma hierarquia. Ao abarcar os valores de refutação do ordenamento hierárquico, as relações familiares passaram a ser concebidas de forma horizontal. A autora salienta que o princípio do igualitarismo ancora-se na premissa de que os gêneros não apresentam qualidades exclusivas. Dessa forma, nas relações de gênero, o masculino e o feminino encontram-se investidos de um mesmo valor. De acordo com a autora,

o princípio da igualdade expressa-se, no plano da relação entre gêneros, na ausência de uma imputação diferencial de valor ao feminino e ao masculino. O preceito moral, que impulsiona cada um deles a ingressar e a experimentar o universo do outro, aponta para a dissolução das diferenças estatutárias e coloca em cena o que venho insistindo ser o imperativo ético do "indivíduo plural" (p.31).

Os papéis familiares vêm sendo reformulados, assim, em face da ideologia igualitária. Pautadas por esse ideal, as relações entre os membros da família seriam calcadas no respeito às diferenças pessoais.

Féres-Carneiro (2003) aponta também para as conseqüências dos ideais de individualidade na família. A autora afirma que os valores individualistas

influenciam a constituição e a manutenção do casamento contemporâneo. A relação conjugal é regida pelos ideais de autonomia e de satisfação de cada cônjuge, deixando de lado os laços de dependência entre eles. Entretanto, a constituição de um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. Assim, o casal contemporâneo é confrontado por duas forças paradoxais: os ideais individualistas que estimulam a autonomia dos cônjuges contrastando com a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais (Féres-Carneiro, 1998).

Théry (1996) destaca também que tanto a parentalidade quanto a conjugalidade estão se voltando para o desenvolvimento da individualidade dos membros da família. Para a autora, a família se tornou uma rede de relações afetivas, em que as necessidades e os desejos dos indivíduos são enfatizados.

Henriques (2004) ressalta a “horizontalização” nas relações familiares, ao comparar a família dos anos sessenta com a atual. A autora afirma que enquanto na primeira a família convivia com a hierarquia, a verticalidade das relações e a rigidez da autoridade parental, na segunda os conflitos tendem a ser evitados. A função hierárquica da família estaria ganhando, dessa forma, novos contornos.

Araújo (2009) corrobora tal afirmação, ao postular que o modelo de família hierárquica predominou até os anos 1960 e que a transição para uma organização familiar mais igualitária teve início nos anos 1970, tendo começado a se concretizar a partir dos anos 1980. A partir desse momento, a família tem se tornando cada vez mais democrática e igualitária. Nesse modelo de família, as relações são pautadas no diálogo, no respeito às diferenças e na divisão de responsabilidades de modo mais igualitário e flexível. A democracia possibilita a reivindicação e a concretização de relações mais igualitárias na família.

Figueira (1987) ressalta o fato de os papéis de gênero estarem mais igualitários, ao sustentar que:

...homem e mulher se percebem como diferentes pessoal e idiossincriticamente, mas como iguais porque indivíduos. As diferenças pessoais subordinam (e são percebidas como mais importantes que) as diferenças sexuais, etárias e posicionais. Os sinais estereotipados da diferença homem/mulher tendem a desaparecer, se confundir ou se multiplicar, e os marcadores visíveis da diferença tendem, na medida do possível, a ser expressões do gosto pessoal. As noções bem delineadas de “certo” e “errado” perdem suas fronteiras, a noção de desvio de comportamento, pensamento ou desejo perde a clareza, e instaura-se,

aparentemente, o reino da pluralidade de escolhas, que só são limitadas pelo respeito à individualidade do outro. (p. 16).

Giddens (1993) aponta também para essa tendência, ao indicar que a possibilidade de intimidade nos relacionamentos significa a promessa da democracia. Ele salienta que o relacionamento puro, situação em que uma relação se mantém apenas enquanto for satisfatória para ambos os cônjuges, direcionado pelo princípio da autonomia, seria a fonte dessa promessa. O autor defende a idéia de que “a democratização da esfera privada está atualmente não apenas na ordem do dia, mas é uma qualidade tácita de toda uma vida pessoal (...)”. Aqui é ressaltada a noção de democratização do casal, visando à igualdade entre os cônjuges. O relacionamento puro mantém um “contrato móvel”, para o qual ambos os cônjuges podem apelar.

Para Lasch (1977), a sociedade acredita que os ideais igualitários dos dias atuais são a única forma de se alcançar a intimidade. Assim, a tendência é acreditar que somente as relações igualitárias são satisfatórias. O autor afirma que:

os iguais nada pedem, tudo compreendem, tudo perdoam. A camaradagem idealizada dos grupos de irmãos- unidos não por uma paixão externa, nem mesmo pelo respeito mútuo, mas apenas por carecerem igualmente de autoridade adulta- torna-se o modelo do casamento perfeito, do romance perfeito, da perfeita “relação a dois” e, assim, da comuna e da família extensa: as distinções tornam-se impalpáveis (p.185).

Henriques (2004) considera natural que os papéis familiares se tornem mais flexíveis, devido ao contexto de mudanças aceleradas, de transitoriedade e de intensa variedade de escolhas que se apresenta na atualidade. A autora postula que:

esses papéis definidos rigidamente, como os de esposa, marido, pai, mãe e filho, de alguma forma violentam as necessidades e sentimentos individuais e, portanto, a flexibilização no exercício dos mesmos se torna necessária (p.24)

Dolto (1989), no entanto, sustenta que esses ideais igualitários causaram a falência da autoridade paterna. A partir do esmaecimento das distâncias hierárquicas, a relação entre pais e filhos passou a sofrer de uma passividade silenciosa. Se por um lado, essa isenção de conflito geracional protege os laços

familiares, por outro impede a conquista da autonomia necessária para alcançar a vida adulta.

Dessa forma, a autoridade paterna vem dando lugar à liberdade de escolha. De acordo com Leitão (1996),

não mais se exerce uma autoridade rígida e explícita. Cabe aos pais fornecer aos filhos o direito de opção dentro de uma pluralidade de escolhas possíveis. Não se impõe um comportamento ou um projeto específico. Há espaço para o diálogo, negociação e relativização dos conceitos de certo e errado. Os pais transmitem seus valores e deixam a cargo dos filhos suas próprias escolhas (p.28).

A autora assinala que os jovens convivem com pais que defenderam o ideal igualitário no final de suas adolescências. Essa luta resultou na oposição às vivências familiares ligadas à hierarquia. Os jovens da década de sessenta inseriram-se na vida adulta julgando que as relações hierárquicas faziam parte das gerações anteriores com as quais teriam rompido. Observamos, assim, a extinção do pai como líder do grupo.

Henriques (2004) afirma que esse processo de horizontalização das relações neutralizou a possibilidade de crise entre a geração dos filhos e a dos pais. Assim, os filhos, em muitos casos, são considerados mais espertos, mais rápidos e capazes que os pais, podendo haver uma inversão hierárquica entre eles.

Para a autora, o aumento do número de adultos que moram com os pais é influenciado pela igualitarização das famílias. Em sua pesquisa, ela conclui que a família igualitária constitui um espaço no qual coexistem acordos e interesses complementares que visam prolongar sua convivência. Nessa realidade familiar que busca a igualdade entre os membros, os entrevistados mostraram uma convivência familiar caracterizada pela evitação de conflitos. Assim, a convivência familiar torna-se mais confortável para ambas as gerações.

A amizade e cumplicidade são consideradas por todos os entrevistados como normatizadora das relações entre pais e filhos e imprimem a esse universo familiar uma igualitarização ao mesmo tempo em que apaga a hierarquia pessoal (p.129)

2.2

O prolongamento da adolescência

Ariès (1973) pontua que durante a Idade Média não havia uma noção das diferenças entre as classes de idade, não havendo, assim, uma concepção de adolescência. As especificidades da adolescência só passam a ser consideradas a partir do século XIX, com a fragmentação social, os processos de escolarização e nuclearização da família, a exaltação das diferenças individuais e o controle da sexualidade. Esta fase, portanto, passa a se diferenciar da infância, delimitando-se ao intervalo dos 12 aos 18 anos. Certos rituais sociais marcavam claramente seu início e seu fim: a primeira comunhão e o casamento ou prestação de serviço militar.

Flax (1990) assinala, entretanto, que na contemporaneidade convivemos com a ausência de rituais coletivos, o que dificulta o estabelecimento de limites que definem a duração da adolescência. Dolto (1989) ressalta esse fato ao apontar para a fluidez dos limites temporais da adolescência. A adolescência já não culmina com o término das transformações fisiológicas da puberdade, estendendo-se para a idade adulta.

Blos (1962) corrobora esta afirmação ao fazer a seguinte constatação:

Não há um consenso social na cultura ocidental quanto à idade na qual o indivíduo deixa de ser criança ou deixa de ser adolescente e se transforma em adulto. A definição etária da maturidade variou em diferentes épocas e, hoje, varia totalmente em diferentes locais (p.14).

Nascimento (2008) ressalta que desde os anos setenta a transição para a vida adulta é demarcada por acontecimentos como “saída da escola, entrada na força de trabalho, saída da família de origem, casamento e estabelecimento de uma família” (p.1). Ele complementa que “estes cinco eventos podem não anunciar universalmente a maioridade, mas certamente um após o outro, não necessariamente na mesma ordem, fazem associação aparente com a participação do mundo dos adultos” (p.2). No entanto, Billari (2001) pontua que diferentemente das sociedades tradicionais, que incentivavam e valorizavam tais ritos de passagem para a vida adulta, as sociedades contemporâneas não os estimulam.

De acordo com Iedema, Becker & Sanders (1997), a modernização das últimas décadas vem oferecendo condições propícias para um estilo de vida em que cada sujeito traça sua trajetória de vida individualmente. Desse modo, torna-se difícil definir o limite de quando o indivíduo torna-se adulto.

Os limites cronológicos da adolescência passaram a referir-se às mudanças psíquicas postuladas pela pedagogia e psicologia, diferenciando-se da puberdade, que trata das transformações corporais e biológicas definidas pela medicina (Rocha, 2002). A relação da puberdade com a adolescência também é reconsiderada por Outeiral (1994). Embora tenha caracterizado o início da adolescência pelas transformações corporais e o seu fim pela aceitação do corpo e dos processos psíquicos do mundo adulto, o autor reconhece que essa demarcação é mais complexa ao observar que atualmente é comum que a adolescência se manifeste antes do aparecimento da puberdade e que se estenda muito além.

Birman (2007) postula que na contemporaneidade há uma aproximação entre a adolescência e os demais momentos da vida. O autor denomina esse fenômeno de *estilo adolescente de existência*, no qual “pode-se ser pai, mãe, avó e avô na atualidade sem perder o fulgor da adolescência, no qual a potência desejante se encontra ainda sempre presente”. Uma consequência disso é a perda da autoridade das figuras parentais aos olhos dos filhos. Os pais se diferenciam cada vez menos dos seus filhos, pois compartilham um mesmo estilo de existência.

Savietto (2007) defende que essa tendência se deve ao fato de os pais reviverem, ante a adolescência dos filhos, sua própria adolescência. A tarefa de “ser pai” / “ser mãe” se mostra cada vez mais difícil para a geração de adolescentes da década de setenta, o que pode ser observado no comportamento de certa forma adolescente dos pais.

O mercado e a cultura têm a juventude como objeto preferido, desqualificando a velhice e desvalorizando a maturidade. A exaltação da juventude dissemina o estilo de vida jovem, que afeta, por sua vez, tanto pais como filhos. A vida social, então, é regida pelos ideais jovens, contribuindo para o fenômeno de rejuvenescimento da sociedade (Henriques, 2009). De acordo com a autora,

A juventude, maleável e plástica por excelência, é o objeto preferido da cultura de mercado, e, complementarmente, os jovens experimentam de forma mais intensa esse apelo cultural, orientando a produção dos bens a ela destinados. Assim, essa cultura desqualifica a velhice e desvaloriza a maturidade ao promover valores associados à idéia de juventude (p. 53).

Khel (1998) observa que na atualidade buscamos ser jovens o maior tempo possível. Adolescentes que queriam ser reconhecidos como adultos num passado recente, hoje querem prolongar sua adolescência. A autora denomina essa inversão de valores de *teenagização* da cultura ocidental, caracterizada pela constante busca da juventude, da beleza, da saúde e da felicidade. Assim, a adolescência ocupa o lugar de ideal cultural. Isso acarreta no desconforto dos adultos que se espelham nos *ideais teen* em tirar e passar suas próprias conclusões sobre a vida às gerações posteriores. Os adolescentes, por sua vez, vivem num mundo em que as regras parecem ser feitas para eles.

Rocha (2002) ressalta o fato de a adolescência idealizada de hoje ser algo totalmente diferente da adolescência tal como postulada pela literatura psicanalítica (como crise). Para exemplificar, destacamos parte do texto de Anna Freud (1958) que apresenta essa fase como um momento de tensão e conflito:

... é normal para um adolescente comportar-se, por um tempo considerável, de uma maneira inconsistente e imprevisível, combater seus impulsos e aceitá-los; afastá-los com sucesso e ser invadido por eles; amar seus pais e odiá-los; revoltar-se contra eles e ser dependente; ficar profundamente envergonhado ao reconhecer sua mãe diante dos outros e, inesperadamente, desejar conversas íntimas com ela; prosseguir através da imitação e da identificação do outro, enquanto busca, incessantemente, sua própria identidade ...(p.82)

Na contemporaneidade, entretanto, a adolescência representa todos os prazeres relativos ao exercício da liberdade, sendo cada vez mais *glamourizada*. Ela é vendida em lojas, na mídia e nas propagandas como modelo de status social. Não é representada, assim, como um momento de crise, mas como algo a ser conservado o máximo possível.

Por ocuparem um lugar de indefinição em que não são crianças nem adultos, é permitido ao adolescente o exercício da liberdade e da experimentação sem as restrições da vida adulta. Calligaris (2001) postula que é justamente esse gozo da liberdade que os adultos tendem a idealizar. A idealização da adolescência é um gesto que celebra nossa própria cultura, uma maneira de

reconhecer o valor da liberdade e da rebeldia. O adolescente é visto pela nossa cultura como alguém que desfruta da possibilidade de um tempo livre de escolhas, de questionamento social e de acesso a diversas identidades possíveis. Por isso, em nossa sociedade, a adolescência é sempre cobiçada.

O autor ressalta ainda que a felicidade adolescente, como ideário adulto, é fruto de uma ilusão. As frustrações, os desejos reprimidos e a vontade de libertar-se dos compromissos que amarram o adulto à realidade provocariam a necessidade de espelhar-se nos jovens.

O adolescente, por sua vez, convive com o sofrimento por não obter permissão para passar para a vida adulta e pela idealização social que lhe ordena que seja visivelmente feliz. Assim, a seguinte questão se coloca: Como interpretar o desejo dos adultos, se eles dizem que o adolescente não está preparado para a maioridade e ainda idealizam esse momento como exercício de liberdade e gozo sem limites? Esta contradição é resultado do repertório de sonhos e ideais transmitidos aos adolescentes, como se fosse um tempo particularmente feliz.

A conduta adolescente se torna, dessa maneira, objeto de imitação. O marketing da adolescência se fortalece na medida em que essa fase se transforma num estilo de vida desejado por todos. Como consequência, os produtos adolescentes são vendidos também aos adultos.

Rocha (2002) também ressalta que a adolescência contemporânea é idealizada por alimentar a fantasia de um gozo sem limites. Idealizamos características que supomos serem próprias da adolescência como a liberdade de experimentar, a possibilidade de realizar novas escolhas ainda sem as responsabilidades do mundo adulto e a ausência de restrições. Em nossa fantasia, quase tudo é permitido ao adolescente.

A idealização da adolescência possibilita a difusão de estilos de vida regidos pela suposta liberdade que impera sobre nossa sociedade. Idealizamos a adolescência por atribuímos a ela a possibilidade de liberdade, que no contexto da cultura de consumo representa a capacidade de ir e vir, ter a sensação de que as escolhas e os prazeres ainda estão acessíveis, desde que as responsabilidades pelas escolhas possam ser evitadas.

Dessa forma, os ideais adolescentes propagados pela *teenagização* da cultura ocidental passaram a ser vividos por crianças, jovens e adultos. Nesse

processo, o conflito de gerações foi reduzido e a adolescência desvinculou-se das limitações de idade. Corso (1999) também aponta este fato ao denominar a sociedade atual de *admirável mundo teen*. O autor afirma que, diferentemente da geração de 1960, a geração atual de jovens vive sob os mesmos valores que seus pais. Percebemos, assim, os ideais libertários da década de sessenta presentes tanto no estilo de vida do adolescente contemporâneo quanto no dos seus pais, pois estes estariam também nessa condição adolescente.

Iwancow (2005) corrobora esta afirmação ao observar que as diferentes gerações se apresentam hoje como:

ciclos geracionais que se comportaram de forma distinta em atitudes e reivindicações, que cresceram em diferentes contextos e que interagem hoje no mesmo ambiente social. Competem em tamanho e em poder de consumo. O que nos faz pensar que os limites biológicos da idade estão sendo desafiados e que a linha que separa a juventude da maturidade está sendo redesenhada (p. 7).

Zagury (1996) também destaca que enquanto a década de sessenta era caracterizada pelos desejos dos jovens de independência, autosuficiência e desligamento da família, o jovem da década de noventa em diante protelou o processo de independência dos pais por usufruir do espaço e da liberdade com os mesmos. Assim, pais e filhos vivem de acordo com os ideais adolescentes e a vida familiar caminha para um alongamento da adolescência.

Para Henriques (2004), o neologismo *adultescente* (criado a partir das palavras inglesas “adult” e “adolescent”) revela o lugar da adolescência como ideal cultural. A autora menciona que, curiosamente, a indústria cultural não se refere ao adolescente como um indivíduo desajeitado e em vivência de crise, mas o representa exaltando a saúde do seu corpo e sua constante busca pelo prazer. Leitão (2002) também destaca este fato ao mostrar que enquanto a representação do adolescente na década de setenta era a de um jovem conflituoso e desajeitado, nos dias atuais descreve-se predominantemente a “geração saúde”, o jovem saudável e bronzeado. Como consequência, as estratégias de *marketing* se aproveitam dos traços de identidade desses grupos para vendê-los aos adultos, constituindo uma verdadeira indústria da adolescência (Henriques, 2004).

Rocha (2002) analisa tais estratégias da indústria da adolescência, ressaltando que nos dias atuais, o mercado vende *looks* e insígnias adolescentes como objetos de consumo que ditam modas e tendências para alcançar o sucesso e

o status. A idealização da juventude se fortificou na medida em que suas diversas representações foram apropriadas pela lógica de consumo, transformando-a em estilos de vida. O uso da imagem pela cultura de consumo também é observada por Featherstone (1995) que propõe a *estetização da vida cotidiana* como uma das características mais importantes da lógica do consumo. A valorização da imagem e da estética revela a importância concedida nos dias de hoje ao estilo, dimensão que abrange desde a escolha das roupas às atividades de lazer. Desse modo, o valor concedido à imagem pelo ideal da adolescência fortalece o crescimento desse mercado de consumo.

Para Henriques (2009), o indivíduo contemporâneo relaciona a boa forma com uma virtude suprema, correndo o risco de não visualizar outras formas de expectativas de felicidade. A autora ressalta que o cuidado de si deixou de se referir à alma, aos sentimentos e às paixões, passando a se voltar para valores como a saúde, a beleza e a juvenilidade.

Goldenberg (2011) segue esse raciocínio argumentando que o pensamento contemporâneo é de que estar “em forma” significa não apenas controle de seus impulsos, mas também o controle de sua aparência física. A antropóloga afirma que a moralidade da boa forma impõe que um corpo bem cuidado seria aquele livre de marcas indesejáveis e de excessos e que mesmo sem roupas, pareceria decente. Nesse sentido, a gordura e a flacidez representariam falta de disciplina, preguiça e desleixo.

Dessa forma, a adolescência tende a se prolongar. De acordo com Henriques (2009), o prolongamento da adolescência é produto do nosso momento histórico por alimentar o imaginário do indivíduo com promessas que, se seguidas, asseguram a juventude e a saúde.

Além disso, diversos autores assinalam para a indefinição das fronteiras e a ausência de rituais para a iniciação da vida adulta. Bertol & Souza (2010) discorrem sobre os estudos de Calligaris (2000) em que o autor mostra que a adolescência foi inventada devido ao prolongamento da infância. O conceito de infância teria surgido como uma forma de os adultos realizarem os sonhos que não puderam realizar. Como consequência, essa fase tende a se prolongar conforme a criança se prepara para o futuro e para alcançar a impossível realização dos sonhos que faltou aos adultos.

O fenômeno do prolongamento da adolescência está ligado a fatores sócio-culturais, econômicos e psicológicos, como indica Rota (1993). O autor demonstra que o aumento da expectativa de vida da população causou um remodelamento das fases evolutivas do sujeito, prolongando a duração da adolescência. Outro fato destacado é o contexto social de mudanças aceleradas no qual os jovens se encontram. As conseqüências desconhecidas de tal contexto desconstruíram crenças, valores e ideologias, o que explica a perda de certezas, a confusão de valores e a ausência de referências sociais estáveis do jovem pós-moderno. Os ideais religiosos e políticos que mobilizavam as gerações anteriores perderam a sua força, não havendo, em seu lugar, ideais que incentivem a atuação do jovem na sociedade e sua inserção na vida adulta.

2.3

O mundo do trabalho e o desamparo do sujeito contemporâneo

Rota (1993) afirma que a protelação do jovem na vida adulta é uma conseqüência da ausência de garantias de subsistência do mercado aos jovens profissionais. Assim, as questões financeiras dificultam a saída do jovem da casa dos pais.

Leitão (1996) segue a mesma linha de raciocínio ao afirmar que a crise econômica das sociedades retarda a independência financeira do jovem. As famílias com melhores condições financeiras favorecem o sustento mais prolongado do jovem, facilitando que este busque preparar-se para o mercado de trabalho. Neste processo, os jovens prolongam o estatuto de estudante e permanecem dependentes dos pais.

A independência emocional e financeira é vista em nossa cultura como uma condição que favorece a entrada no mundo adulto. Guimarães (2006) ressalta que a inserção no mercado de trabalho facilita a passagem da adolescência à vida adulta. O trabalho proporciona a autonomia, que é um fator importante no processo de passagem para a vida adulta. A autora assinala que há mais chances de os filhos permanecerem em casa quando a renda dos pais é maior do que a deles.

Munhoz (2012), ao entrevistar adultos que coabitam com a família, constatou que, de fato, seus entrevistados possuíam uma situação financeira precária para possibilitar a saída da casa da família. A autora assinala que aqueles que não alcançaram exercer um trabalho com vínculo empregatício ou que possuem um trabalho distante das expectativas familiares “são considerados portando uma espécie de desajuste” (p. 93). Isto acontece principalmente nas famílias que consideram que não trabalhar ou trabalhar sem vínculo empregatício é sinônimo de problema.

Ela assinala também que os entrevistados se sentem frustrados com o retorno financeiro das carreiras que escolheram. Todos indicam que precisariam de maior remuneração pelo trabalho que exercem, pois o salário que recebem não é o bastante para garantir a autonomia financeira. Dessa forma, apesar de os entrevistados trabalharem, eles não ganham dinheiro suficiente para assegurar a própria sobrevivência e adquirir a autonomia esperada tanto por eles, como por seus familiares.

Podemos afirmar que adquirir uma identidade profissional é importante para a formação da identidade do sujeito, pois sua autoestima aumenta de acordo com a valorização de seu trabalho pela sociedade. Entretanto, Henriques (2009) observa que a instabilidade e a incerteza se apresentam como fatores constitutivos do indivíduo contemporâneo, tornando a inserção no mundo do trabalho cada vez mais complexa.

Ao analisar a geração dos pais e dos filhos, a autora identifica percepções diferentes a respeito do mundo do trabalho. Enquanto o relato da geração dos pais explicita a segurança, a visibilidade e a amplitude; a geração dos filhos apresenta uma perspectiva do curto prazo e da provisoriedade das experiências sociais.

Para corroborar essa observação, destacamos a constatação de Cavalcanti (2009) que mostra que atualmente o trabalho autônomo, voluntário e a prestação de serviços vêm se intensificando. Na contemporaneidade, a sociedade industrial deu lugar à sociedade do conhecimento, sendo este o principal fator de riqueza. Torna-se cada vez mais necessária a qualificação dos jovens para o mercado de trabalho, o que contribui para que estes permaneçam na casa da família enquanto se especializam.

Conforme ressaltado por Antunes (1999), as formas de produção flexíveis e desregulares estão em ascensão. O autor assinala que o modelo de mecanização flexível do *toyotismo* seria um exemplo desse fato. Ao contrário do modelo *fordista*, o *toyotismo* intensificou o trabalho terceirizado, sub-contratado e *freelancer*:

A classe-que-vive-do-trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só a sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser” (p. 15).

Bauman (2000) postula que o *fordismo* estava atrelado ao que ele denomina de capitalismo pesado, referindo-se ao estágio do capital “*tão fixado ao solo quanto os trabalhadores que empregava*” (p.70). O modelo *fordista* representava a sociedade moderna em sua fase “pesada” e “sólida”.

O autor (1998) aponta ainda que a modernidade foi marcada pela estabilidade oferecida pelas instituições tradicionais, pelos papéis sociais demarcados e pelos valores coletivos que mantinham certa linearidade, proporcionando uma sensação de unicidade e segurança que acolhia o indivíduo. Esta sensação era possibilitada pelo clima de ordem que ele reconhece como intrínseco à dinâmica dessa época.

Tal clima de estabilidade possibilitava não só o planejamento dos projetos de vida, contando com um olhar mais longo sobre a existência, como também abarcava os modelos de relacionamento e de trabalho. O indivíduo, dessa forma, considerava viável seguir uma carreira dentro de uma empresa, já que tanto a empresa quanto o cargo continuariam existindo.

Desse modo, a garantia de que importantes referências sociais -como os empregos, as famílias e o Estado- perdurariam a vida inteira tornava possível traçar um projeto de vida que não estivesse atrelado à instabilidade dos mesmos. A identidade e os sonhos seriam construídos com base na crença do longo prazo.

Bauman (2000) contrapõe esse contexto estável da modernidade à instabilidade e flexibilidade da pós-modernidade. Assim como Antunes (1999), o autor salienta que o mundo do trabalho sofreu transformações consideráveis ao tornar-se mais flexível. O capitalismo pesado dá lugar ao capitalismo leve, caracterizado pela inconstância e imprevisibilidade:

Os passageiros do avião “Capitalismo Leve” descobrem horrorizados que a cabine do piloto está vazia e que não há meio de extrair da “caixa preta” chamada piloto automático qualquer informação sobre onde vai o avião, onde aterrizará, quem escolherá o aeroporto e sobre se existem regras que permitam que os passageiros contribuam para a segurança da chegada (p.70).

No mundo regido pelo capitalismo leve, as possibilidades são infinitas e as experiências são constantemente desconstruídas. A tendência é que as possibilidades “permaneçam líquidas e fluidas e tenham ‘data de validade’” (p.74). Somos guiados pela mentalidade do curto prazo e da flexibilidade. O emprego estável é substituído pelo trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos e posições sem cobertura previdenciária. A vida do trabalhador está repleta de incertezas.

Assim, vivemos em um mundo em que a única certeza que podemos ter é a da incerteza. A tarefa que nos é imposta é viver “sob uma condição de incerteza que é permanentemente irredutível” (Bauman, 1997, p.30). A liberdade dos tempos atuais desregula a esfera do trabalho industrial e do emprego, pois é comum que as profissões não durem o período de uma vida.

Esta flexibilidade é o que Melucci (2004) aponta como a solução contemporânea para os conflitos relativos aos males da rotina. Na medida em que o sujeito se defronta com um contexto em que se está cada vez mais difícil ganhar dinheiro, o consumo aumenta (junto com o custo de vida), o mercado torna-se mais competitivo e os jovens encontram-se desmotivados ou pessimistas em relação ao futuro, e a saída é a criação de soluções alternativas, como o horário flexível, o emprego autônomo e a tentativa de fazer deste caminho algo minimamente prazeroso.

Pais (2006) destaca que diante dessa instabilidade, os jovens convivem com flutuações e descontinuidades relacionadas ao mundo do trabalho. Eles saem da casa dos pais para um dia qualquer retornarem, abandonam os estudos para futuramente os retomar, começam um emprego para logo depois se verem sem ele. As “voltas e mais voltas” (p.8) representam, então, o dia-a-dia do jovem atual. Como consequência, é comum que o jovem tenha a tendência a relativizar desde o valor dos diplomas até a segurança de emprego:

Os diplomas são cada vez mais vistos como “cheques sem fundos” sem cobertura no “mercado de trabalho”, também ele sujeito a inconstâncias, flexibilizações, segmentações, *turn overs* (p. 9).

Alguns jovens reagem a tal instabilidade investindo no presente e evitando fazer planos para o futuro, já que eles não veem possibilidades de realização dos seus desejos. Os projetos futuros, quando existentes, são de curto prazo, pois é mais seguro viver somente o dia-a-dia. O autor salienta ainda que os jovens se diferenciam das gerações mais velhas, pois enquanto estas orientam seus planos por caminhos seguros, eles optam, muitas vezes, pelo caminho da ruptura, do desvio. Em busca de excitação no cotidiano, é comum que os jovens pratiquem atividades como o excesso de velocidade com as motos, os esportes radicais, as festas *rave*, as aventuras sexuais e o consumo de drogas, por exemplo. Dessa forma, para muitos jovens o futuro é “desfuturizado” (p. 12), devido à sua incerteza.

Assim, no que se refere à esfera profissional, os adultos que moram com os pais se defrontam com um contexto marcado pela instabilidade e pela insegurança. Sennett (1998) ressalta o efeito desamparador dessa realidade ao afirmar que no novo capitalismo as pessoas estão sujeitas ao sentimento de fracasso, pois cobra-se que o sujeito seja constantemente flexível às rápidas mudanças.

O autor descreve uma espécie de fábula, que conta a história de um pai, Enrico, e de seu filho, Rico. Através das escolhas e atitudes de cada personagem, ele procura ilustrar a diferença de períodos históricos próximos cronologicamente, mas distintos em suas dinâmicas. Enquanto Enrico representaria a modernidade, Rico representaria os tempos atuais:

O que mais me impressionou em Enrico e sua geração foi ver como o tempo era linear em suas vidas: ano após ano trabalhando em empregos que raras vezes variavam de um dia para o outro. E, nessa linha de tempo, a conquista era cumulativa: toda semana, Enrico e Flavia [sua esposa] conferiam o aumento de suas poupanças, mediam a vida doméstica pelas várias melhorias e acréscimos que haviam feito na casa da fazenda. Finalmente, o tempo que viviam era previsível. As convulsões da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial haviam-se esfumado, os sindicatos protegiam seus empregos; embora tivesse apenas quarenta anos quando o conheci, Enrico sabia exatamente quando ia aposentar-se e o pecúlio que teria (p.14).

Em contrapartida, Rico, seu filho, é descrito como um executivo, que muda de cidade e de trabalho quatro vezes por ano. O personagem passa por contínuas transformações em um curto período de tempo, podendo passar da posição de chefe até a de um empregado que prepara seu próprio café ou suas próprias fotocópias.

Conforme podemos observar, a modernidade é representada como um tempo em que a estabilidade era predominante. Os fenômenos sociais geralmente tinham seu lugar demarcado e ficava claro, portanto, qual deveria ser o procedimento para alcançá-los ou promovê-los. Tornava-se viável investir num plano “a longo prazo” devido à previsibilidade e estabilidade das circunstâncias externas. O sujeito fundamentava suas ações a partir da certeza de que o entorno permaneceria ao longo do tempo.

Assim, tanto na esfera do trabalho quanto na social, a modernidade assumia a forma de uma estrutura estável, que orientava o curso individual e o coletivo. Contudo, o sujeito contemporâneo não encontra mais essas referências estáveis.

De acordo com a pesquisa de Henriques (2004), esse fato produz concepções do trabalho diferentes entre os pais e os filhos. Em relação à percepção dos filhos, com exceção de um entrevistado, todos os outros se preocupam com as condições de trabalho e emprego. Eles apontam ainda que o trabalho é objeto de suas inseguranças, possuindo uma perspectiva de curto prazo e provisoriedade das experiências sociais. Já na visão dos pais, os aspectos do provisório e do incerto no mundo do trabalho também são motivos de desconforto, porém são traduzidos como “acomodação” no que concerne à atitude dos filhos. Eles possuem uma ótica moderna de trabalho que conta com a existência de laços com a instituição empregadora, a estabilidade e a ideia de uma carreira de longa durabilidade. Desse modo, se por um lado os pais compreendem o futuro dos filhos baseado na construção de uma carreira, por outro, os filhos duvidam de um futuro nesse sentido, devido à instabilidade do mundo do trabalho.

Além disso, os jovens devem lidar com o “capitalismo flexível” (Sennett, 1998), no qual os trabalhadores devem ser ágeis, abertos a mudanças, capazes de assumir riscos continuamente e cada vez menos dependentes de leis e

procedimentos formais. Tal flexibilidade causa ansiedade, pois o sujeito não sabe que riscos serão compensados ou que caminhos seguir.

A principal característica da contemporaneidade é a questão do “curto prazo”. Esta característica tem grande peso na mudança paradigmática da modernidade para a contemporaneidade, uma vez que provoca a aceleração do tempo e, conseqüentemente, da relação do indivíduo com sua vida e consigo mesmo.

Os indivíduos regidos por essa economia formam laços efêmeros entre si e com o trabalho, flexibilizando seu caráter. De acordo com Bauman (1997), os laços sociais são cada vez menos duradouros e mais superficiais. Ele usa a imagem do turista para representar um comportamento bastante comum nos dias de hoje. O turista é aquele indivíduo que visita muitos lugares, mas não fixa raízes em nenhum deles. Seja qual for seu sentimento, está sempre de passagem e não se compromete com nada à sua volta.

Castro (1999) segue essa linha de pensamento, ao assinalar que as relações estão se tornando epidérmicas e as identidades descartáveis, assim como os objetos na cultura de consumo. Nossa experiência temporal é de transitoriedade, e nela somos impulsionados a nos movermos continuamente.

Nessa sociedade concentrada no momento imediato, o setor de trabalho americano que mais rapidamente cresce é o das agências de emprego temporário (Sennet, 1998). No que se refere ao Brasil, pesquisas realizadas pelo IBGE (2008) revelam que 4,1 milhões de brasileiros trabalham por conta própria, o que representa quase 20% da população ocupada. Além disso, em um grupo de dez trabalhadores por conta própria, somente dois contribuem para a previdência social, convivendo, assim, com a falta de perspectiva de se aposentarem. O indivíduo deve estar preparado, portanto, para lidar com a inconstância e a imprevisibilidade. Segundo Sennet (1998):

Hoje, um jovem americano com pelo menos dois anos de faculdade pode esperar mudar de emprego pelo menos onze vezes no curso do trabalho, e trocar sua aptidão básica pelo menos outras três vezes durante os quarenta anos de trabalho (p.22)

Assim, nesse sistema de curto prazo, as novas relações de trabalho são episódicas e fragmentadas num mundo onde o indivíduo enfrenta a acirrada

disputa do mercado de trabalho. Com a falência dos modelos estáveis que antes conferiam segurança à modernidade, a contemporaneidade segue como uma realidade instável.

Em outras palavras, a perspectiva de construção de uma vida e de um trabalho que perdurem ao longo do tempo fica comprometida pela falta de pilares estáveis. Para Sennett, a visibilidade de uma vida “a longo prazo” fica sobreposta por uma noção de vida episódica. Sem a ordem, a segurança e as garantias, não seria possível traçar um roteiro de vida minimamente confiável. A respeito desta mudança, Sennett (2009) afirma que:

O sinal mais tangível dessa mudança talvez seja o lema “não há longo prazo”. No trabalho, a carreira tradicional, que avança passo a passo pelos corredores de uma ou duas instituições, está fenecendo; e também a utilização de um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho (p.22).

Giannotti (2002) observa que nos dias atuais o capital é capaz de transformar o companheiro de trabalho em um concorrente, fazendo com que o indivíduo se sinta constantemente ameaçado. Assim, a instabilidade e a incerteza da conjuntura pós-moderna afetam também os relacionamentos pessoais do sujeito.

Lipovetsky (2004) aponta também para o desamparo do sujeito contemporâneo nesse contexto mutável, ressaltando a tendência competitiva dos tempos atuais. O sujeito convive com a obrigação do movimento no cenário competitivo e instável da *hipermodernidade* e não encontra no outro amparo e suporte para a solidão:

O indivíduo se mostra cada vez mais aberto e cambiante, fluido e socialmente independente. Mas essa volatilidade significa muito mais a desestabilização do eu do que a afirmação triunfante de um indivíduo que é senhor de si mesmo. Testemunho disso é a maré montante de sintomas psicossomáticos, de distúrbios compulsivos, de depressões, de ansiedades, de tentativas de suicídio, para nem falar do crescente sentimento de insuficiência e auto-depreciação (Lipovetsky, p.83).

Na hipermodernidade de Lipovetsky prevalece o medo do futuro devido à permanência dos nossos tempos. Com a precarização do emprego e o desemprego persistente, o sujeito convive com a insegurança profissional e material, além do medo da desvalorização dos diplomas, as atividades

subqualificadas e a degradação da vida social. Assim, os jovens temem não encontrar um bom lugar no mercado de trabalho.

O *Zeigeist* é a inquietação diante de um futuro que representa incertezas e riscos. A sociedade do efêmero desencadeou a sensação de insegurança no sujeito contemporâneo, imperando, assim, a falta de perspectivas.

Melucci (2004) acrescenta que a contemporaneidade é caracterizada pela possibilidade de transitar na multiplicidade:

Participamos, na realidade e no imaginário, de uma infinidade de mundos. Cada um deles é caracterizado por uma cultura, uma linguagem, um conjunto de papéis e regras, aos quais devemos nos adaptar a cada migração. Isso comporta uma pressão constante à mutação, à transferência, à tradução daquilo que éramos um segundo atrás para novos códigos e novas formas de relações (p. 60)

A “pressão constante à mutação”, citada pelo autor, trata da sensação de descontinuidade, outra característica importante da contemporaneidade. Neste caso, essa pressão constante faz com que o indivíduo contemporâneo se depare com a urgência em ser capaz de transitar pela “infinidade de mundos” que a multiplicidade oferece. Assim, abre-se espaço para uma vivência de episódios desconexos entre si, emergindo a sensação de fragmentação.

Henriques (2009) corrobora a afirmação de que ao penetrar numa sociedade que não oferece proteção, a segurança do indivíduo é afetada. A sensação de estar sem rumo representa o estar em uma sociedade em constante movimento.

A autora destaca que o prolongamento da convivência familiar poderia significar uma atitude de não-enfrentamento da sensação de insegurança que afeta o sujeito contemporâneo. Dessa forma, a família poderia representar um lugar de confiança e de conciliação, valores aos quais é difícil renunciar frente a uma sociedade que carece de referências tradicionais e estáveis. A família ocuparia, assim, o lugar de refúgio contra a falta de segurança do mundo público. Ela estaria atrelada ao campo do afeto e do acolhimento, espaço do íntimo e do privado.

Sennett (1974) assinala que a visão da família como lugar do afeto tomou força no século XIX, quando o mundo externo tornou-se mais inseguro e a família nuclear, dessa forma, passou a ser o utensílio usado pelos sujeitos para repelir as transformações econômicas e demográficas da sociedade. A principal função da

família passa a ser proporcionar o bem estar dos indivíduos diante das incertezas e inseguranças do mundo, oferecendo uma fortaleza emocional.

Esse raciocínio é desenvolvido por Lasch (1977) ao postular que o mundo público “sem coração” pressupõe a necessidade de colocar a família no lugar de refúgio, como a imagem contrária da crueldade do mercado. A visão do mundo do trabalho como frio e impessoal levou à valorização da instituição família, constituindo, dessa forma, um lugar de amparo contra as infelicidades do nosso tempo.

Henriques (2006) segue esse raciocínio ao defender a idéia de família como campo de afeto, espaço do íntimo e do privado. Como resultado, ela cede um ambiente em que os sentimentos podem ser livremente expressos, cumprindo a função de defender os seus membros contra o “lá fora” desumano.

A autora (2004) verifica também que alguns adultos que moram com os pais são independentes financeiramente e possuem condições de se sustentarem sem o auxílio dos pais. Embora estejam aptos para a vida profissional, ainda não estão preparados para assumir as responsabilidades de uma vida fora da casa da família. Portanto, para esses jovens, a pertença estendida na casa dos pais toma uma forma confortável por continuarem abrigando-se no espaço de acolhimento oferecido pela família.

A família concede a sensação de pertencimento e proteção num mundo em que a excessiva rapidez das mudanças dificulta a fixação dos vínculos. Ao permanecerem na casa dos pais, os filhos poderiam estar buscando evitar a sensação de insegurança que afeta os que vivem no mundo de hoje. A família se afirmaria, assim, como “um valor seguro a que ninguém quer renunciar, um lugar de resistência face a uma sociedade globalizada, sem fronteiras e caracterizada pela ausência, ou pela morte lenta das referências tradicionais estáveis” (Henriques, 2006, p.333). .

Roudinesco (2003) corrobora a constatação da autora ao postular que a família ressurgue como um valor e uma referência universal, um lugar idealizado e seguro ao qual ninguém quer renunciar. O sentimento de desamparo e a necessidade de referências estáveis se acentuam num mundo incerto, onde as pessoas tendem a formar vínculos livres do compromisso.

Sendo assim, podemos postular que os adultos que adiam a saída da casa dos pais podem estar buscando na família a sensação de segurança e de acolhimento a fim de diminuir as tensões do mundo atual. Esta proteção familiar contribuiria, dessa forma, para a permanência do adulto na casa da família

2.4

A separação entre pais e filhos

O processo de separação entre pais e filhos afeta a família, pois ela passa a experimentar sentimentos novos ou diferentes e a perceber sentidos diferenciados no *continuum* familiar (Henriques, 2009). No entanto, essa experiência é importante para a individuação dos filhos.

O ambiente familiar pode facilitar ou dificultar a saída dos filhos da casa da família de origem, tendo um papel relevante no processo de aquisição de independência destes. Winnicott (1971) ressalta que no início da vida do bebê, a mãe deve proporcionar um ambiente facilitador, caracterizado pela oferta de condições físicas e psicológicas que estimulam seu desenvolvimento. Durante esse estágio inicial, denominado de *fase de dependência absoluta*, o bebê se integra na medida em que a mãe lhe proporciona confiança e segurança. Dessa forma, a mãe possibilita o amadurecimento saudável do filho.

A maturidade do indivíduo implica o movimento em direção à independência. Entretanto, o autor ressalta que “não existe essa coisa chamada independência (...). Se a pessoa está viva, sem dúvida há dependência” (p.3). O indivíduo viverá sempre uma *independência relativa*, pois será sempre dependente das pessoas e do ambiente ao seu redor.

Para que ocorra o processo de amadurecimento pessoal, porém, dois elementos são fundamentais: a tendência inata ao amadurecimento e os cuidados fornecidos pelo ambiente. Inicialmente, a mãe deve se adaptar às necessidades de dependência do bebê e, posteriormente, caminhar gradativamente no sentido da desadaptação, acompanhando o desenvolvimento do bebê em direção à independência. Este movimento favorece que o indivíduo estabeleça um padrão na idade adulta entre copiar o comportamento dos pais e manter uma identidade

pessoal. Dessa maneira, o *rumo à independência* do sujeito é influenciado pela dinâmica familiar facilitadora ou dificultadora.

Bowlby (2004) também ressalta a importância de que os pais estimulem gradual e constantemente a autonomia dos filhos. A experiência familiar daqueles que se tornarão adultos estáveis e autoconfiantes é caracterizada não só pelo apoio dos pais, mas também pelo estímulo à sua independência. Entretanto, isso só é possível quando é estabelecido o apego seguro entre pais e filhos. Ele destaca que quando o indivíduo está seguro de poder contar e confiar em alguém em caso de necessidade, este se torna mais feliz e mais capaz de melhor exercitar seus talentos. Em contraste, o estabelecimento do apego inseguro na infância pode amedrontar o adulto frente ao desafio da construção da vida sem os pais.

Assim como o autor, Leitão (1996) ressalta a importância de que o ambiente familiar forneça as ferramentas necessárias para a independência dos filhos. Ela destaca que a ausência de estímulo por parte dos pais à inserção dos jovens na vida adulta é um fator que contribui para o prolongamento da adolescência dos filhos. Os jovens permanecem mais tempo ligados a uma relação de dependência com seus pais, sendo mantidos numa posição de *semi-adultos*. Embora tenham espaço significativo na família para exercer sua liberdade, privacidade e autonomia, ainda se encontram numa posição infantil. Este fenômeno é causado pela dificuldade das famílias para o luto devido à relação de dependência entre pais e filho.

Aberastury & Knobel (1970) corroboram esta constatação, ao afirmarem que a capacidade de elaborar o luto da infância dos filhos facilita a inserção na vida adulta dos mesmos. Os pais possuem, então, um papel fundamental no processo de independência dos filhos. A partir da lenta e dolorosa elaboração do luto pelos pais da infância, o jovem percebe que a separação é necessária para a construção de sua individuação. Nesse sentido, a experiência de separação é um importante fator para o alcance da maturidade emocional.

A separação tem um impacto não só nos pais, mas também nos filhos, como ressalta Cordeiro (1979). A experiência de luto é vivida por ambos os lados, uma vez que os pais devem elaborar a perda da infância dos filhos, enquanto os adolescentes devem desidealizar as figuras parentais. O autor pontua a importância do luto face às imagens parentais idealizadas, ao afirmar que a

elaboração deste facilita que o adolescente siga o curso normal de desenvolvimento e possa estabelecer novas relações extra-familiares. As experiências emocionais dos indivíduos são vividas em conjunto neste processo.

Assim, os pais que têm dificuldade de aceitar a separação dos filhos geram obstáculos para sua emancipação. Blos (1962) mostra que este funcionamento familiar leva a família a viver o final desta fase sem as angústias necessárias para ativar os processos de desidealização e de separação. A individuação do jovem, portanto, não é colocada em questão, o que não o estimula a buscar seus próprios recursos para a conquista de sua independência.

Entretanto, diante do fenômeno do prolongamento da convivência familiar, é comum que os filhos busquem a independência e a individuação dentro do espaço do próprio lar. Henriques (2009) salienta que o quarto dos filhos adultos são espaços inventados por eles para garantir sua autonomia. Como consequência, os pais devem ressignificar suas funções parentais dentro do distanciamento físico que os espaços da casa lhes impõem. O domínio dos pais sobre o quarto do filho varia de acordo com a dinâmica familiar e com a consciência de individuação entre os membros da família.

Ramos (2002) assinala que os espaços parentais tendem a ser dominantes no contexto da casa da família, fazendo com que os filhos busquem no quarto o sentido de posse e de preservação da privacidade. Nesse sentido, Pol (1996) destaca a importância de que o sujeito se aproprie do seu entorno para exercer seu controle, levando em conta a ocupação, a defesa e o sentido de pertença do espaço. Da mesma maneira, Gonçalves (2002) ressalta que o sujeito pode “morar” ou “habitar” no espaço, dependendo da conduta territorial que o sujeito estabelece com o seu entorno.

Dessa forma, Ramos (2002) mostra que a apropriação do quarto tem um papel importante na “construção de si”. Além disso, o significado atrelado à separação física entre pais e filhos está relacionado ao reconhecimento do espaço privado do jovem adulto. Quando os pais, por exemplo, continuam a exercer o seu direito de entrar no quarto sem deixar os jovens adultos expressarem seu pedido de preservação da privacidade, estes podem sentir que não possuem controle do seu espaço. Dessa forma, o nível de reconhecimento parental do quarto do filho como espaço pessoal varia de acordo com o sentimento de separação.

Ademais, a dependência dos filhos em relação aos pais pode ser incentivada quando estes garantem os afazeres domésticos. Toledo (2010) afirma que nas famílias em que os filhos contam com os pais para a realização das tarefas domésticas há uma maior relação de dependência entre eles. Nesses casos, os filhos resistem a abrir mão do conforto oferecido pelos pais.

Entretanto, Munhoz (2012) salienta que os jovens que coabitam com os pais se incomodam quando as tarefas domésticas são realizadas pelos pais. Ela constata que eles sofrem por viverem o paradoxo de terem acolhimento ao mesmo tempo em que não se sentem mais quistos pela família. Dessa forma, os jovens prefeririam ter uma vida independente dos pais.

De qualquer modo, Demetrio (2012) revela que os jovens enfrentam dificuldades para ter uma vida independente quando saem da casa dos pais. Eles já contam com um serviço de entrega voltado para os homens solteiros que saem da casa dos pais e têm dificuldades de se planejar para comprar itens como meias ou escovas de dente. Assim, ao emancipar-se dos pais, é comum que os filhos considerem problemática a organização doméstica.

3

Os jovens e o quadro amoroso contemporâneo

3.1

A impermanência e a fragilidade dos laços afetivos na contemporaneidade

A contemporaneidade é descrita como uma era cujos fenômenos são confusos, fluídos e imprevisíveis. De acordo com Bauman (2003), convivemos em um mundo de sobrevivência, onde o melhor e mais forte sobrevive e os relacionamentos configuram-se de forma efêmera. Como consequência, os laços afetivos se tornam cada vez mais frágeis e os relacionamentos e sentimentos são descartáveis.

Na “modernidade líquida” os estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar. As relações humanas são afetadas por este fenômeno, tornando-se frágeis e flexíveis. O compromisso com outra pessoa ou com outras pessoas, em particular o compromisso incondicional parece cada vez mais uma armadilha que se deve evitar a todo custo. Nesse contexto, o homem encontra-se livre do compromisso com outrem, mas corroído pela insegurança.

O ideal de liberdade e de velocidade do contexto contemporâneo são os responsáveis pela constante busca pela individualização e pela inconsistência das relações. Chaves (2010) ressalta que a noção de liberdade individual tão valorizada em nossa cultura está relacionada às seguintes proposições: viver como bem quiser e ser livre para se movimentar; ter opções; e ser livre para escolher. O sujeito quer se livrar de quaisquer leis ou limites que reduzam as suas possibilidades de buscar a satisfação das próprias necessidades e a felicidade privada.

Nesse contexto, Bauman (2003) assinala que as relações não são mais construídas para durar, e em vez de utilizar termos como “relacionar-se” e “relacionamentos” para relatar suas expectativas e experiências, o homem contemporâneo fala cada vez mais em conexões, ou “conectar-se” e “ser

conectado”. Em vez de parceiros, prefere falar em “redes”, que serviriam tanto para conectar quanto para desconectar. Nela, as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha.

Assim, o sujeito contemporâneo tende a buscar uma “relação de bolso”. Devemos manter os bolsos sempre livres e preparados para uma possível nova relação:

Uma "relação de bolso" é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade. Não que o seu relacionamento vá adquirir essas assombrosas qualidades sem que algumas condições tenham sido previamente atendidas. Observe que é você quem deve atendê-las — outro ponto favorável a um relacionamento "de bolso", sem dúvida, já que é você e só você que está no controle, e nele permanece por toda a curta vida dessa relação (Bauman, 2003, p. 18).

Esse tipo de relação amorosa torna possível seguir o impulso de liberdade e ao mesmo tempo experimentar a ânsia por pertencimento. O sujeito convive com esses dois sentimentos contraditórios que “se misturam no trabalho extremamente absorvente e exaustivo de ‘tecer redes’ e ‘sufar nelas’” (p. 25). Nesse sentido, o indivíduo teme a experiência do permanente ao ligar-se com outra pessoa. O ideal de “conectividade” enfrenta a tarefa de tentar conciliar esses dois elementos distintos. Nos chats, por exemplo, encontramos pessoas que conversam conosco, mas que vão e vêm, em constante circulação.

O autor salienta ainda que é comum nos dias de hoje apaixonar-se e desapaixonar-se de modo muito fácil. Podemos verificar um rápido crescimento do número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida e que não asseguram que o amor que vivenciam atualmente será o último. Assim, valoriza-se mais a intensidade do que a eternidade do amor. A ideia desse sentimento como “até que a morte nos separe” está deliberadamente fora de moda, como ressalta a poesia de Vinícius de Moraes (1992): “Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”.

Nesse sentido, nossa capacidade de amar é influenciada por essa era de eventos propensos a mudar de forma imprevisível. Torna-se cada vez mais difícil manter laços a longo prazo, pois a tendência é que o indivíduo mude com rapidez e dê prioridade a relacionamentos em “redes”, as quais podem ser desfeitas a qualquer momento.

A dificuldade de manter laços a longo prazo é consequência também da ênfase dada ao aqui e agora na cultura contemporânea. Dessa forma, o longo prazo perde importância e os compromissos fixos são percebidos como aprisionamentos. Além disso, o prazer é relacionado em nossa cultura à mudança constante, à promessa de viver algo inusitado, e à possibilidade de acumular mais e diferentes sensações (Chaves, 2010).

Ariès (1978) também observa a predominância da impermanência na nossa civilização. O descartável, o apelo às novidades, as inovações e os modismos que se sucedem vertiginosamente são fatores que sinalizam ou são consequência do espírito do nosso tempo. Os produtos industriais feitos para não durar, as refeições ligeiras ou rapidamente preparadas no microondas confirmam a caracterização de nossa era como efêmera.

A fugacidade do amor contemporâneo é denominada por Giddens (1993) de “amor confluyente”, que se caracteriza pela finitude do laço, no momento em que deixa de ser vantajoso para um dos parceiros. O amor confluyente presume igualdade na doação e no recebimento emocional, entra em choque com as características “para sempre” e “único” da idéia do amor romântico, e não é necessariamente monogâmico. Desenvolve-se como um ideal em uma sociedade onde quase todos têm a oportunidade de se tornarem sexualmente realizados.

Assim, as novas formas de relacionamento são regidas pelos princípios da igualdade. A relação só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. O autor denomina esse tipo de relação de “relacionamento puro” e defende que o casamento tem-se voltado cada vez mais para essa forma de relacionamento.

Esse tipo de relacionamento se aproxima do que Chaves (2003) denomina de “relação solta”. Nessa prática amorosa, o casal não convive com a necessidade de seguir um modelo amoroso definido a priori. Assim, a afetividade e a sexualidade podem ser desfrutadas sem um propósito maior a ser atingido. Além disso, a relação é construída de acordo com o interesse, a satisfação e a disposição de ambos os cônjuges. Isto significa que é necessário estar sempre negociando a relação para que ela seja mantida, pois a partir do momento em que esta não for mais satisfatória, pode ser rompida por qualquer um dos parceiros.

Nesse contexto de formação de vínculos efêmeros, uma forma de relacionamento amoroso vem-se tornando cada vez mais comum: o “ficar”. Chaves (2001) define o “ficar” como um tipo de relação que não depende do conhecimento prévio da outra pessoa para estabelecer-se. Ele se caracteriza pelo desenvolvimento de um contato relativamente íntimo em um determinado momento, não havendo a necessidade de que os “ficantes” se encontrem novamente. Desse modo, no “ficar” prevalece a falta de compromisso entre os parceiros.

Com esse novo código de conduta, o sujeito está mais preocupado com o próprio prazer do que com o outro. Essa prática amorosa se baseia no desejo de obter prazer máximo e compromisso mínimo, ocorrendo uma ruptura entre o prazer físico e o compromisso com o outro:

O princípio fundamental do “ficar com” é a falta de compromisso. É a possibilidade de estar com alguém, chegar fisicamente perto, sem se comprometer. É o modo mais fácil de obter algum tipo de prazer sem estar “preso” por um compromisso (Chaves, 1993, p. 24).

Dessa forma, o outro se torna descartável caso não atenda às expectativas do indivíduo. É comum que num segundo momento o “ficante” seja invadido por um mal estar, evidenciando um sentimento de vazio causado por tal descartabilidade. A autora assinala que seus entrevistados usaram palavras como “estranho”, “vazio”, “vulgar”, “chato”, “fugaz” e “fútil” para descrever como se sentiam após terem “ficado”.

Gomes (1992) também observa o sofrimento de sujeitos que já se sentiram descartados. Em sua clínica, ela se depara frequentemente com pessoas que já tiveram inúmeros relacionamentos e que revelam grande necessidade de uma relação estável. Entretanto, esses indivíduos também têm medo de que seus desejos se concretizem devido à desesperança de que possam estabelecer um vínculo durável. Isto acontece a partir da experiência de se envolver com parceiros pouco permanentes.

Para Almeida e Tracy (2003), a prática do ficar é captada em sua dimensão de instantaneidade, em sua intensidade volátil. Os espaços dedicados ao lazer noturno retratam o incessante deslocamento dos jovens que para lá se dirigem a fim de encontros velozes:

Corpos atravessam o espaço de forma seriada, produzindo a maior acumulação possível de imagens de alto impacto por unidade de tempo e, paradoxalmente, baixa quantidade de informação por unidade de tempo (p.137).

As autoras enfatizam que encontrar um par na cena noturna é uma possibilidade praticamente inexistente, pois a ideologia do descompromisso está sempre presente. Este fato é mais evidente nos relatos de seus entrevistados do sexo masculino que declaram excluir a possibilidade de namorar quando saem na noite, o que torna a ancoragem do compromisso improvável.

Almeida (2006) ressalta também que o “ficar” tem como regra a circulação permanente, a constante desterritorialização. Os “ficantes” têm de estar sempre em constante movimento, retratando um mundo em que se busca a rapidez dos eventos:

Meninos e meninas, quando querem ‘ficar’ com alguém não podem parar. Eles têm de andar, de estar em movimento o tempo todo, ‘rodando’, ‘rodando’ (p.156).

Bouer (2001) assinala que as relações afetivas estão acompanhando a rápida velocidade que tem marcado os processos de produção e informação contemporâneos. Tal velocidade provocaria uma crescente flexibilização das questões que envolvem a sexualidade. Assim, assistimos, nos dias de hoje, a uma maior rapidez de contato íntimo entre os parceiros.

Rossi (2003) também aponta para a tendência contemporânea de os parceiros formarem vínculos frágeis e sem compromisso, ao ressaltar que hoje é perfeitamente normal “namorar várias pessoas ao mesmo tempo ou sequencialmente, visando apenas o prazer ou o estabelecimento de relações sociais amigáveis” (p. 89). Essa forma de relação se baseia no que ele denomina de “amor eterno”: os membros do par não se casam, não convivem, encontram-se quando há vontade e não existe responsabilidade mútua. Este seria o modelo de relacionamento que melhor corresponde às condições contemporâneas de individualismo.

Entretanto, ao ser tratado como objeto de uso e consumo, o indivíduo pode se sentir frustrado. De acordo com a experiência clínica do autor, submeter-se a uma relação amorosa em que os vínculos não são aprofundados deixa “feridas”, levando o sujeito ao desamparo. Aqueles que se sentem mais frustrados e

desamparados são os que se queixam por não terem constituído uma família, convivendo com o vazio por não se sentirem importantes para alguém.

Ainda segundo o autor, a grande liberdade de escolha dos tempos atuais produz indivíduos com dificuldades em escolher um rumo:

Como nunca foi tão variado o cardápio do restaurante da conjugalidade e, assim, como é natural que se opte pelo *buffet* no qual se pode pegar um pouco de cada coisa, sem ter que fazer uma escolha que exclua outras, a mais frequente forma de indigestão tem sido a confusão e a falta de rumos (p. 90).

Nosso objeto de estudo, os jovens adultos que moram com os pais, estão inseridos nesse contexto fugaz e imprevisível, afetando suas relações amorosas. A pesquisa de Munhoz (2012), com adultos que coabitam com os pais, constata que a vida a dois está presente nos anseios de grande parcela deles. A maioria dos seus entrevistados revela o desejo de “morar junto”, sem a necessidade do ritual da instituição religiosa. Eles desejam sair da casa dos pais para compartilhar a vida com alguém, seja através do casamento ou da coabitação.

Entretanto, Pais (2006) assinala que os jovens vêm encontrando cada vez mais dificuldades de realizar esse desejo devido às “voltas e mais voltas” que ocorrem no campo das relações de namoro. É comum que os jovens que namoram abracem estilos de vida “escapatórios”, proporcionando-lhes mobilidade. O autor utiliza a metáfora das “voltas” para descrever comportamentos comuns entre esses jovens:

Numa semana pode dar-se uma volta com um namorado (a) para, na semana seguinte, se andar com outro/a (...). Também é frequente, quando surge o cansaço, mandar-se o (a) namorado (a) “dar uma volta”, ou pô-lo (a) a “girar” ou a “bugiar”, isto é, pô-lo à distância ou à ilharga. As “voltas” aplicam-se ainda às relações sexuais (p. 9).

Segundo investigações com adultos jovens da população carioca, as tensões entre individualidade e conjugalidade (Féres-Carneiro, 2003) e o espírito de individualismo predomina nas relações (Jablonski, 2005). Na atualidade, os interesses individuais dos cônjuges se sobrepõem ao interesse social, havendo uma maior valorização dos desejos de realização pessoal.

A visão dos jovens sobre os relacionamentos amorosos nesse quadro impermanente também foi pesquisada por Chaves (2010). Foi constatado que a

maioria dos jovens se sentem desorientados e céticos e que aqueles que acreditam que algo pode melhorar têm uma perspectiva de mudança confusa, como se, na verdade, acreditassem pouco nisso. Assim, os sentimentos mais predominantes são os de impotência e de insegurança.

A pesquisa mostra também que principalmente os jovens do sexo feminino veem o quadro amoroso da atualidade com descrença. Elas o percebem dessa forma devido à vulgarização da infidelidade, a qual, na visão de algumas jovens, tornou-se "moda", e à dificuldade que enfrentam ao encontrar um parceiro amoroso no qual confiem e com quem possam construir uma relação conveniente para ambas as partes.

Entretanto, paralelamente a esses sentimentos, os jovens encontram maneiras de lidar com as dificuldades que surgem em suas vidas amorosas. Para lidarem com as dificuldades que aparecem, eles buscam a autossatisfação, a autorrealização, a novidade, a liberdade individual, e a ênfase ao momento presente nos seus relacionamentos amorosos. Nesse sentido, as mesmas características que contribuíram para mudar e desestabilizar as relações amorosas permitem que elas ocorram.

A pesquisa de Henriques (2004) também explora os compromissos afetivos dessa geração e constata que as relações amorosas dos jovens são caracterizadas pela recusa à fixação e à formação de vínculos. Há, entretanto, diferenças de gênero em relação às expectativas frente ao casamento ou “morar junto”. Os relatos dos jovens do sexo masculino ressaltam a prioridade no investimento na carreira e a percepção do casamento como algo muito distante. As mulheres, por outro lado, salientam o desejo de formar uma família, apesar de considerarem as relações muito “soltas”. Contudo, ambos os sexos admitem a dificuldade de se manter uma relação nos tempos atuais. Os entrevistados apresentam relacionamentos desde o “ficar” até o namoro com pouquíssimas exigências na relação. Dessa forma, a evitação de compromissos mais sérios caracteriza as interações desses sujeitos.

Conforme podemos perceber, a exaltação da liberdade e a abertura dos relacionamentos livram os jovens das expectativas afetivas pré-determinadas. Como ressaltado por Pais (2006), os jovens sentem a sua vida amorosa marcada por crescentes inconstâncias. Suas paixões são como “voos de borboleta, sem

pouso certo” (p. 8). A maneira como esses jovens se relacionam e suas expectativas em relação ao casamento representam, assim, as necessidades psicológicas contemporâneas.

3.2

O casamento contemporâneo

Em nossa sociedade, ainda é comum considerar o casamento como uma das tarefas da adultez (Morris e Maisto, 2004). Porém, é importante levar-se em conta que ele tem assumido outra posição no ciclo evolutivo vital das pessoas, pois a tendência contemporânea é iniciar a vida sexual mais cedo e casar mais tarde, permanecendo mais tempo na casa da família de origem (Henriques, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004).

É importante ressaltar também que o casamento tem passado por mudanças significativas. Jablonski (1998) observa que essa instituição vem passando por momentos delicados em torno de questões importantes, como o impacto nos filhos e em sua criação, os novos papéis impostos pela diminuição das famílias, a dupla jornada feminina, a re-divisão de tarefas dentro de casa, a dificuldade enfrentada por famílias monoparentais, entre outras questões. Para o autor, essas mudanças vêm trazendo o casamento contemporâneo a um estado caracterizado como de crise.

Segundo Ariès (1987), as grandes mudanças no casamento se iniciam com a modernidade. A ideologia burguesa valorizava o amor individual, estabelecendo o casamento por amor, amor-paixão, com predomínio do erotismo na relação conjugal. O casamento por amor só foi defendido abertamente no século XIX, quando as transformações econômicas, advindas da Revolução Industrial, permitiram as condições materiais necessárias para uma liberação da escolha conjugal, que não ameaçava mais o patrimônio familiar (Féres-Carneiro, 2003).

Assim, o casamento por amor se estabelece na modernidade como regra básica. A família afastou-se cada vez mais da linhagem e recolheu-se da vida coletiva para a intimidade, firmando o modelo nuclear. Giddens (1993) mostra que, nesse momento, um casamento eficaz era determinado pela divisão de

trabalho entre os sexos, com o marido dominando o trabalho remunerado e a mulher, o trabalho doméstico.

Féres- Carneiro (2003) observa que quando o amor romântico se tornou o ideal do casamento, colocou à prova a duração do mesmo. No Brasil, a lei do divórcio foi sancionada em 1977. Ariès (1987) salienta que esse novo ideal de casamento impõe aos esposos que se amem ou que pareçam se amar e que tenham expectativas a respeito do amor e da felicidade no matrimônio. Essa imposição levou à acentuação de “idealizações” e, conseqüentemente, aos conflitos resultantes da desilusão pelo não atendimento das expectativas.

Féres-Carneiro (1999) pontua que assim como a vida profissional é afetada por promoções, demissões ou mudanças de área de trabalho dentro de uma mesma profissão, o casamento, da mesma forma, é afetado por fatores previsíveis e imprevisíveis ao longo do ciclo vital, podendo interferir no exercício de um ou outro papel em diferentes etapas da vida.

A autora ressalta também que nos tempos atuais convivemos com uma pluralidade de formas conjugais e familiares. Assistimos ao surgimento de múltiplas formas de relacionamento amoroso, tanto no contexto heterossexual quanto fora dele. O casamento formal, heterossexual com fins de constituição de família, continua sendo uma referência e um valor importante, mas convive com outras formas de relacionamento conjugal como as uniões consensuais, os casamentos sem filhos ou sem coabitação, e também as uniões homossexuais.

Os valores individualistas influenciam a constituição e a manutenção do casamento contemporâneo. A relação conjugal é regida pelos ideais de autonomia e de satisfação de cada cônjuge, deixando de lado os laços de dependência entre eles. Entretanto, a constituição de um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal. Assim, o casal contemporâneo é confrontado por duas forças paradoxais: os ideais individualistas que estimulam a autonomia dos cônjuges contrastando com a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais (Féres-Carneiro, 1998).

Singly (2003) também ressalta as características individualistas da família e do casal contemporâneos, enfatizando que os cônjuges somente mantêm a relação enquanto esta for prazerosa para ambos. O autor aponta para a

ambivalência enfrentada pelos casais nos dias de hoje ao enfatizar que a eternidade é visto como um decreto de prisão no relacionamento. Se por um lado os parceiros desejam ter segurança e estabilidade no presente, por outro preferem deixar o futuro em aberto. Na atualidade, o laço é leve, porém o indivíduo também deseja fortalecê-lo. Paralelamente a isso, esse indivíduo não quer abrir mão da sua liberdade. Dessa forma, ao mesmo tempo em que há a necessidade de interdependência no laço conjugal, ocorre também a negação desta necessidade, gerando tensões para o casal. Valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades. Dessa forma, os cônjuges se defrontam com o desafio de ser “um” sendo “dois”.

Giddens (1992) assinala que no casamento contemporâneo, os ideais do amor romântico vêm perdendo a força, principalmente pela pressão da emancipação da mulher e da autonomia feminina. Assim, no casamento contemporâneo, os ideais de que a união é única e eterna, tendem a desintegrar-se. Hoje, os parceiros não aceitam que o casamento não corresponda às suas expectativas, o que torna o rompimento conjugal cada vez mais frequente (Féres-Carneiro, 1998).

Segundo dados do IBGE, em 2010, o Brasil registrou 1,8 divórcios em cada 1000 habitantes a partir dos 20 anos. Só em 2010 foram registrados 243.224 divórcios, contra 174.747 em 2009. Assim, os brasileiros estão se divorciando cada vez mais. Para o IBGE, o aumento das taxas de divórcio evidencia "uma gradual mudança de comportamento na sociedade brasileira, que passou a aceitar o divórcio com maior naturalidade e a acessar os serviços de justiça de modo a formalizar as dissoluções" (IBGE, Estatísticas do Registro Civil, 2007). Essa maior aceitação do divórcio é um dos fatores que corroboram para a finitude dos laços amorosos. Conforme ressaltam Féres-Carneiro e Magalhães (2005):

A conjugalidade, na contemporaneidade, embora ainda inclua essa promessa ou esperança de reconstrução do “eu” a partir do “nós”, apresenta-se cada vez mais fluida. Os sujeitos cada vez mais consideram a possibilidade de dissolução do laço conjugal desde a sua inauguração, mesmo quando o elemento central da união do casal é o sentimento amoroso, com todas as suas prerrogativas e promessas de eternidade (p. 112).

Féres-Carneiro (1998) assinala também que o número de separações vem crescendo devido ao fato de na sociedade contemporânea a importância do casamento ser tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas. Assim, o divórcio traduz justamente a dificuldade desta exigência.

É importante ressaltar também que tanto no Brasil como no exterior os dados do judiciário e da clínica apontam que a maior parte da demanda de separação é feminina (Féres-Carneiro, 1998). Este fato pode ser explicado, em parte, pela constatação de Magalhães (1993) de que a tendência é que as mulheres definam casamento como "relação amorosa", enquanto os homens definem casamento como "constituição de família". Assim, a separação parece inevitável para as mulheres se a relação amorosa não vai bem.

Para Jablonski (1998), os votos expressos na cerimônia do casamento católico, como o compromisso de que os noivos fiquem juntos “até que a morte os separe” funcionam como uma espécie de promessa eleitoral de um político que, ao se eleger, dificilmente conseguirá cumpri-las. Essas promessas são difíceis de serem cumpridas na medida em que implicam “exclusividade monogâmica, permanência e o abrir-mão de boa dose de independência e autonomia em prol de uma vida a dois” (p.229). Nessa perspectiva, o casamento contemporâneo enfrenta demandas paradoxais, como o desejo da monogamia e da permissividade, a permanência e o apelo ao novo, e a conciliação da esfera familiar com a profissional. Ao se depararem com o término do amor, os casais se sentem traídos, culpando a si mesmos ou seus pares pelo “fracasso”, e não ao modelo incompatível com a realidade introduzido por nossa cultura. Dessa forma, a vida a dois se torna "quase impossível" no casamento.

Outros motivos apontados pelo autor para as dificuldades no casamento são: a diminuição da religiosidade, a valorização do amor como base única para o casamento, o aumento da longevidade, a revolução sexual e a emancipação feminina, resultando no conflito acerca da divisão de papéis entre homens e mulheres. Além disso, a valorização da felicidade pessoal torna o equilíbrio entre a conjugalidade e a individualidade uma tarefa trabalhosa.

Calligaris (2001) enfatiza que a cultura do descartável influencia a subjetividade dos sujeitos, levando-os a buscar a mudança e a evitar a mesmice.

Dessa maneira, o indivíduo pode ter uma visão negativa do casamento, pois “o cônjuge torna-se a encarnação dos motivos pelos quais desistimos do novo e da aventura” (p. 11). Isso tornaria o casamento suscetível a descartabilidade. Para evitar o fim do casamento, o autor opina que os parceiros devem se esforçar para conviver com a rotina de todos os dias e criar um espaço onde há flexibilidade em relação ao novo, havendo a possibilidade de desenvolvimento interpessoal e de criatividade.

Colman (1994) considera importante também que no casamento haja um espaço de desenvolvimento das individualidades dos parceiros. É necessário que o casal tenha a capacidade de compartilhar o seu mais profundo ser um com o outro, pois o “casamento real” tanto deve produzir como solicitar essa capacidade de partilha de intimidade.

Esse fato é destacado por Gomes e Paiva (2003) ao apontarem que, na clínica contemporânea, o psicólogo se depara com muitas queixas associadas à impossibilidade de perceber o parceiro como ele realmente é, o que gera um relacionamento com muitas projeções. De acordo com as autoras, isto acontece porque os casamentos carecem de um espaço de individualidade e crescimento mútuo, aproximando-se mais de ligações misturadas e fusionais. Elas acrescentam que o casamento pós-moderno pode ser visto como uma ferramenta para o desenvolvimento individual dos cônjuges desde que haja a criação de um "espaço potencial" entre eles, onde as potências de cada um possam ser exercitadas, experimentadas e integradas na vida a dois.

Para Simmel (1971), esse espaço para o desenvolvimento individual dos parceiros é relevante na medida em que a entrega total ao outro pode produzir uma sensação de esvaziamento no indivíduo. Ao agir desse modo, o sujeito corre o risco de idealizar o cônjuge, aumentando suas expectativas em relação ao outro e sendo rigoroso consigo mesmo, o que produz tensões na relação amorosa.

Cabe aqui destacar também que nossa cultura cria expectativas impossíveis de serem alcançadas em relação ao casamento ao impor uma imagem tradicional da vida em família e do casamento. Assim, “no que se refere ao casamento hoje, a promessa de felicidade, somada a um amor infindável e ao gozo de uma sexualidade livre, vai contra o casamento monogâmico e a constatação de

que a paixão é solúvel no tempo” (Jablonksi, 1998, p.233). Ao relacionar o amor-paixão ao casamento, a sociedade cria nos sujeitos ideias utópicas.

Nesse sentido, o indivíduo vive simultaneamente os ideais contraditórios do amor líquido e do amor romântico. De acordo com Vieira (2009) esses são os dois grandes paradigmas amorosos reinantes na atualidade. Em nossa sociedade volátil, as expectativas e práticas amorosas tradicionais caminham junto com as mais modernas, cabendo ao indivíduo contemporâneo criar estratégias para conviver com esses dois ideais tão incompatíveis.

O autor investigou o modo como os casais percebem o seu relacionamento amoroso e concluiu que os indivíduos ainda buscam uma relação que seja duradoura e a entendem como um vínculo privilegiado entre os demais, ideias advindas do amor romântico. O desejo de segurança está presente, mas os ideais líquidos da pós-modernidade compreendem os compromissos como prisões e encorajam a ruptura do relacionamento caso este não satisfaça mais o indivíduo. Nessa perspectiva, embora as pessoas queiram experimentar a ideia de felicidade que ainda existe em torno de uma relação amorosa, elas podem se desapontar quando a relação se solidifica, devido à perda das possibilidades de uma vida que não poderão viver e da prisão sentida na rotina do relacionamento. Temos, dessa forma, um paradoxo:

Os pós-modernos desejam âncoras, como uma relação amorosa. No entanto, quando se enraízam, ressentem-se das outras possibilidades perdidas, da prisão sentida na rotina do relacionamento. (p.46).

Esse é um grande desafio na medida em que se busca cada vez mais viver as novidades. Assim, é importante que o casamento ofereça uma fonte de satisfação individual para que possa ser mantido. Para tanto, é necessário que a permanência do vínculo amoroso seja negociada constantemente, pois se o casamento restringir excessivamente as liberdades individuais, o contrato entre os parceiros pode ser quebrado.

Sua pesquisa indica também que é uma tarefa difícil identificar o que ainda permanece do amor romântico e o que a sociedade contemporânea traz de rupturas com relação a este ideal. Sua pesquisa revela as inumeráveis ambiguidades pelas quais os sujeitos pós-modernos atravessam. Ao realizar entrevistas com adolescentes sobre suas concepções amorosas, ela constatou que apesar de

valorizarem muito a fidelidade, alguns deles não são fiéis aos parceiros amorosos. Os adolescentes valorizam ainda a fidelidade como um ideal, mas não desejam permanecer somente com um único parceiro a fim de não perderem outras oportunidades.

Assim como o autor, Bissoli (1997) ressalta que conviver com demandas tão antagônicas é um desafio para o casal. Essas expectativas são criadas de acordo com o contexto histórico do indivíduo. Enquanto num passado recente, a expectativa dos cônjuges era de que os papéis de gênero fossem desempenhados de maneira bem delimitada, no momento histórico atual, convivemos com a ênfase no individualismo:

A ideia de felicidade conjugal depende da expectativa que se tem do casamento. Algumas décadas atrás, uma mulher se considerava feliz no casamento se seu marido fosse bom chefe de família, não deixasse faltar nada em casa e todos se sentissem protegidos. Para o homem, a boa esposa seria aquela que cuidasse bem da casa, dos filhos, não deixasse nunca faltar a camisa bem lavada e passada e, mais que tudo, mantivesse sua sexualidade contida. Um casal perfeito: uma mulher respeitável e um homem provedor (p. 176).

Gomes (1992) salienta que, diferentemente dessa configuração do casal com papéis pré-definidos, os papéis que a sociedade nos aloca hoje são indefinidos e difusos. Em nosso momento histórico há uma diversidade de possíveis papéis a serem seguidos pelos cônjuges:

No plano da divisão de tarefas, papéis indefinidos- “boa mãe”, “bom pai”, “bom marido”, “boa esposa”, “boa dona de casa” são espécimes em extinção, não por falta de atores que os queiram encarnar, mas por absoluta falta de figurinos (p. 134).

Assim, a separação torna-se inerente quando os parceiros convivem com exigências contraditórias difíceis de cumprir. Ao homem, por exemplo, é cobrado ternura com a mulher e os filhos, mas agressividade fora de casa; abdicação de privilégios “machistas”, mas sem exercer papéis passivos; enquanto pede-se às mulheres que deixem de serem donas de casa, ao mesmo tempo em que são condenadas como negligentes ao primeiro problema com os filhos. Como consequência, a frustração é um sentimento que aparece com frequência nesses homens e mulheres que tentam se sair bem.

D’Incao (1992) segue a mesma linha de raciocínio ao assinalar que nossa cultura fortalece a fantasia do amor romântico, a procura da alma gêmea. Entretanto, as elevadas taxas de divórcio podem ser entendidas como consequência dessa busca incessante. No momento em que a relação não atende mais às fantasias dos sujeitos, a união é desfeita e a procura por um novo parceiro se faz necessária. Dessa maneira, as uniões estão fadadas ao fracasso, “condenadas ao sofrimento até que a lucidez da vida os separe” (p.70).

Nessa perspectiva, na maioria dos casamentos realizados hoje estão presentes as expectativas de casamento ideal, de fidelidade, de permanência e de estabilidade (Taube, 1992). Contudo, o medo de que o casamento fracasse leva muitas famílias ao desespero quando ocorre o rompimento conjugal, reagindo com sofrimento diante dos ideais não alcançados. Isso demonstra o quanto os cônjuges se espelham num modelo que ainda figura como ideal dos sonhos, mas que é cada vez mais difícil de ser realizado.

Rossi (2003) também ressalta que o casamento é uma tarefa difícil na atualidade. As viagens por razões profissionais e pessoais, a competição do mundo do trabalho e a pressa por experiências novas fazem com que o indivíduo tenha medo de ficar preso à outra pessoa, perdendo oportunidades e desperdiçando empregos.

Goldenberg (2001) assinala que, nos dias de hoje, a ruptura do casamento acontece com mais facilidade, porém o recasamento acontece em sucessão. Nesse sentido, os modelos sociais perdem sua força e os parceiros têm que construir suas formas de parceria amorosa. Os cônjuges podem usar sua criatividade para escolher dentre uma grande variedade de configurações relacionais, reinventando novas formas de estarem juntos.

No que se refere aos jovens, Jablonski (2005) assinala que eles se deparam com formas alternativas de constituição familiar causadas pelas transformações do casamento contemporâneo. Os jovens se veem presos entre a visão tradicional – que prega a indissolubilidade do casamento- e o contexto atual, em que se observa um aumento significativo das taxas de divórcios, de mudanças da concepção ideal de casamento e da composição familiar.

Sua pesquisa ressalta também o espírito de individualismo presente nas respostas dos sujeitos referentes à “perda de liberdade e da privacidade” (p.11).

De fato, desde meados dos anos 90, pesquisadores salientam que a conjugalidade contemporânea toma como ideal a preservação da autonomia individual, buscando um espaço para a individualidade (Féres-Carneiro, 1998; Magalhães, 2003). Conforme ressaltado por Heilborn (2004), na convivência conjugal a intimidade e a privacidade são valores significativos. Os jovens priorizam, assim, a própria felicidade e a realização individual.

Falcke, Zordan e Wagner (2009) postulam que o casamento não está entre os principais projetos de vida dos adultos jovens solteiros, sendo prioritário o sucesso profissional e a realização pessoal, porém ele continua desejado. Atualmente é concebido mais como algo que pode vir a acontecer do que como uma finalidade a ser alcançada e pela qual os jovens estejam dispostos a lutar.

Feltrin (2009) destaca que geralmente é na fase de adulto jovem que o indivíduo se decide sobre o casamento. É neste momento da vida que o indivíduo passa por ajustamentos sociais e mudanças de valores, adquirindo mais maturidade e autonomia para tomar suas próprias decisões. Sua pesquisa resalta que a maioria das mulheres jovens, quando questionadas se pretendiam se casar um dia, responderam que sim. Porém, o casamento não era a prioridade no momento, mas sim a carreira profissional.

É comum nos dias de hoje encontrarmos mulheres que optam por permanecerem solteiras para priorizar a profissão, mas que sofrem com cobranças da família e dos amigos para casarem-se. A preferência pela carreira profissional se torna cada vez mais corriqueira num mundo em que a formação acadêmica exige muita dedicação e o mercado de trabalho se torna cada vez mais competitivo. Além disso, as entrevistadas indicaram que a condição financeira é a principal questão que interfere na decisão do casamento. A estabilidade financeira é, assim, almejada pelas entrevistadas.

A pesquisa revela também que embora as mulheres priorizem o sucesso profissional, elas buscam conciliar a carreira com o relacionamento amoroso. Entretanto, as entrevistadas consideram importante que o parceiro seja compreensivo, pois a mulher nem sempre estará disponível para dar conta de tantas tarefas.

3.3

O adiamento do casamento na contemporaneidade

Demos (1978) afirma que, no século dezenove, o momento em que o jovem saía de casa “era a hora de testar sua integridade pessoal e da família que o tinha criado” (p. 21). O autor ressalta que, em geral, os rapazes deixavam a casa dos pais entre os dezoito e os vinte e poucos anos para testar sua integridade pessoal, enquanto as mulheres dessa mesma faixa etária saíam de casa para casar.

O cenário contemporâneo, no entanto, nos revela uma realidade bastante distinta. Fenômenos aqui destacados, como o prolongamento da fase de adulto jovem, a competição e instabilidade do mundo do trabalho, e a fluidez dos relacionamentos afetivos fazem com que o casamento seja realizado cada vez mais tarde.

Conforme destacado ao longo desta pesquisa, o prolongamento da fase de adulto jovem, causado pela idealização da adolescência e da juventude (Khel, 1998), tem como consequência o adiamento da entrada na vida adulta. Ao alongarem a adolescência, os jovens permanecem na casa dos pais, postergando o compromisso do casamento.

A competição do mundo do trabalho e a fluidez dos relacionamentos afetivos tornam necessário alcançar a estabilidade financeira e afetiva para que o casamento possa ser realizado. Entretanto, atingir essa estabilidade torna-se difícil num mundo em que a questão do “curto prazo” (Sennett, 1998) afeta a relação do indivíduo com sua vida e consigo mesmo, relacionando-se de maneira efêmera tanto na esfera do trabalho quanto na amorosa.

Como assinalado por Bauman (2003), as relações estão se tornando cada vez mais fluidas. Giddens (1993) afirma, por exemplo, que o casamento não é mais uma “condição natural”. A premissa pós-moderna do individualismo produz uma forma de se relacionar em que o compromisso com o outro é evitado, contribuindo para o adiamento do casamento.

O fenômeno do adiamento do casamento acontece não só no Brasil, mas em todo o mundo. Axxin e Barber (2007) ressaltam o fato de a idade dos cônjuges no evento do casamento ter subido e o número de matrimônios ter decrescido nos Estados Unidos. Em relação à Europa, Hullen (2000) salienta que devido ao

tempo de espera mais prolongado de coabitação com as famílias origem, o adiamento da oficialização da união entre os parceiros é cada vez mais frequente. Evans (2004) pontua que o adiamento do casamento tem acontecido na Austrália e também relaciona esse fato ao aumento crescente da coabitação dos jovens adultos com os pais.

A comparação das Estatísticas do Registro Civil entre 1997 e 2007 revela que ocorreu um adiamento dos casamentos e também uma diminuição no número de casamentos entre solteiros, tanto para homens quanto para mulheres de 15 a 24 anos de idade. Contudo, as mulheres casam mais cedo do que os homens. Em dez anos, entre 1997 e 2007, a idade em que os homens solteiros se casaram passou de 20- 24 anos para 25-29 anos, enquanto a das mulheres continuou na faixa de 20- 24 anos de idade.

De acordo com Falcke, Zordan e Wagner (2009), o casamento está ocorrendo mais tarde no ciclo evolutivo vital, pois se prioriza o investimento na formação profissional, tanto para os homens como para as mulheres. Além disso, há uma maior liberdade sexual para ambos os membros do casal, não sendo necessário se casar para ter uma vida sexual ativa. Torna-se cada vez mais comum, por exemplo, conviver com o namorado ou a namorada na casa paterna e ter várias experiências conjugais antes de optar pelo casamento.

Conforme destacado anteriormente, as relações afetivas atuais são regidas pela ideologia do descompromisso. Henriques (2009) assinala que um dos motivos para o adiamento do casamento é o fato de os jovens adultos parecerem não se preocupar com o compromisso fora da vida familiar, ou com seus relacionamentos afetivos. Ao se defrontar com o panorama de incerteza das experiências afetivas, o jovem adulto tende a adiar compromissos não só da ordem do social, como também da afetiva. Isso contribui para que ele se mantenha eternamente “adolescente” (Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro 2004).

A pesquisa de Chaves (2010) constata que a percepção do jovem sobre os relacionamentos amorosos que mais se destaca é a da prorrogação na consumação de um casamento. Segundo seus entrevistados, isso se deve ao fato de ocorrer um prolongamento ou uma estagnação em determinado estágio da vida amorosa, tal como o “ficar” e o namoro. Eles entendem esse adiamento como o resultado de

um significativo processo de individualização, no qual a liberdade do indivíduo é valorizada. Em busca de obter mais prazer e manter a própria liberdade, o jovem segue um estilo de vida livre de quaisquer limitações que possam ser impostas por um parceiro fixo.

Além disso, os jovens compreendem esse adiamento também em razão da busca pela realização em outras esferas da vida, como a profissional. Esse fato aparece ainda na pesquisa de Féres-Carneiro (2006) que sugere que os projetos profissionais estão mais presentes nos planos e preocupações dos jovens do que a vida conjugal. Tanto os homens como as mulheres consideram a conjugalidade mais como uma fase posterior à aquisição da estabilidade financeira e profissional, apesar de nas mulheres também estar presente o desejo de ser mãe. A entrada das mulheres no mercado de trabalho e a conquista da liberdade sexual contribuíram muito para essa mudança na percepção sobre o casamento.

Assim, nesse mundo de sobrevivência (Bauman, 2003), o casamento é adiado por não ser mais uma prioridade na vida do indivíduo. Antes de casar-se é preciso alcançar a estabilidade financeira a fim de enfrentar a imprevisibilidade dos fenômenos. Conforme ressaltado por Rossi (2003), o indivíduo contemporâneo teme que o casamento o faça perder oportunidades em esferas mais importantes da vida.

Sendo assim, o adiamento do casamento parece estar ligado à tendência contemporânea de se relacionar a partir do pressuposto dos valores individualistas. Conforme assinalado por Lasch (1977), num mundo caracterizado pela instabilidade e pela imprevisibilidade, os compromissos a longo prazo e as ligações emocionais são evitados por trazerem certo risco para o sujeito. Dessa forma, a evitação de formação de vínculos afetivos pode ser compreendida como uma tática de sobrevivência:

Na medida em que os homens e mulheres comuns não tenham confiança na possibilidade de uma ação política coletiva, não tenham esperança de reduzir os perigos que os cercam, eles acharão custoso ir adiante, sem adotar algumas das táticas do sobrevivencialismo. (p.83)

Diante da intensa instabilidade e insegurança vivida pelo sujeito, é natural que este desenvolva maneiras de defender-se contra as ameaças do contexto atual. Como consequência, as relações são pautadas na desvalorização do compromisso

com o outro e na exacerbação de si mesmo. Os relacionamentos afetivos atuais se mostram sujeitos à exaltação do individualismo, o que, para Lasch, faz com que nossa cultura se configure de forma narcísica.

Podemos compreender a cultura do narcisismo como interligada à liquidez e à fragilidade dos vínculos afetivos e sociais. É a partir desse contexto de supervalorização de si e de desvalorização do outro que podemos compreender melhor a descartabilidade das relações na atualidade.

Cabe aqui ressaltar também que o ideal de liberdade e a incansável busca pelo prazer, característicos de nossa cultura narcísica, contribuem para esse cenário amoroso instável. Sobre esses ideais, Dufour (1985) assinala que eles transformam o homem em um ser livre, porém fadado a estar sozinho. Dessa forma, nosso desejo está sempre transitando entre o fortalecimento e o desprendimento do laço amoroso.

4

Pesquisa de Campo

4.1

Metodologia

No presente capítulo exponho nossa pesquisa de campo que teve como objetivo investigar as motivações, os obstáculos, a vida profissional, a vida amorosa e os planos para o futuro dos adultos que moram com os pais. Para alcançar nossa meta, entrevistamos oito jovens de classe média, quatro moças e quatro rapazes. Estabelecemos que os jovens deveriam coabitar com os pais, possuir ensino superior e ter entre 26 e 35 anos. A fim de chegar até aos jovens entrei em contato com amigos e colegas que pudessem indicar alguém disposto a participar da pesquisa. Aqueles que nos indicaram os sujeitos enviaram um e-mail para estes, explicando do que se tratava a pesquisa e perguntando se aceitavam ser entrevistados. O telefone daqueles que aceitavam nos era passado e, assim, o contato era feito.

Ao estabelecer um primeiro contato com o sujeito, suas dúvidas em relação à pesquisa eram respondidas e os meus objetivos eram colocados novamente. Entretanto, nem sempre o contato era bem sucedido, pois alguns jovens alegaram estar sem tempo disponível para realizar a entrevista. Em um dos casos, uma jovem marcou a entrevista em sua casa, mas não compareceu ao nosso encontro. Consideramos relevante descrever esses eventos, pois acreditamos que a “geração canguru” é frequentemente vista com certo preconceito pela sociedade, podendo ter interferido na decisão dos jovens em participar de uma pesquisa sobre o tema.

As entrevistas foram semi-estruturadas e abarcaram os seguintes temas: vantagens e desvantagens de morar com os pais, relações amorosas, pais e relações amorosas dos filhos, planos de casamento, mundo do trabalho, pais e trabalho dos filhos, planos para o futuro e como se veem daqui a um tempo. Elas foram gravadas com o consentimento dos sujeitos e realizadas em suas residências ou no local da preferência deles.

É importante ressaltar que os nomes dos jovens aqui expostos são fictícios para a proteção de suas identidades. A amostra de sujeitos ficou composta da seguinte forma:

Luana

Idade: 28
Profissão: engenheira
Escolaridade: superior completo
Renda pessoal: sem renda / dedicação ao mestrado
Renda familiar: R\$ 20.000,00
Mora com: pais e 2 irmãos
Namora: não
Profissão dos pais: médicos aposentados

Clarice

Idade: 28
Profissão: arqueóloga
Escolaridade: superior completo
Renda pessoal: sem renda/ voluntária
Renda familiar: R\$ 9.000,00
Mora com: pais
Namora: não
Profissão dos pais: funcionários públicos aposentados

João

Idade: 28
Profissão: jornalista e publicitário
Escolaridade: superior completo
Renda pessoal: sem renda/ dedicação à sua segunda faculdade/ estágio não remunerado
Renda familiar: R\$ 10.000,00
Mora com: mãe
Namora: não
Profissão dos pais: contador aposentado e pedagoga

Gabriel

Idade: 26
Profissão: analista de sistemas / funcionário público
Escolaridade: superior completo
Renda pessoal: R\$ 6.000,00
Renda familiar: R\$ 20.000,00
Mora com: pai e dois irmãos
Namora: sim
Profissão dos pais: analistas de sistemas / funcionários públicos

Eduardo

Idade: 31
 Profissão: analista de sistemas / funcionário público
 Escolaridade: mestrado
 Renda pessoal: R\$ 12.000,00
 Renda familiar: R\$ 45.000,00
 Mora com: mãe e irmã
 Namora: sim
 Profissão dos pais: empresário e professora universitária

Antonio

Idade: 29
 Profissão: músico
 Escolaridade: superior completo
 Renda pessoal: freelancer / R\$ 350,00 por apresentação de sua banda
 Renda familiar: R\$ 5.000,00
 Mora com: pais
 Namora: não
 Profissão dos pais: gerente de loja e astróloga

Larissa

Idade: 28
 Profissão: técnica judiciária / funcionária pública
 Escolaridade: superior completo
 Renda pessoal: R\$ 5.500,00
 Renda familiar: R\$ 15.000,00
 Mora com: pais
 Namora: sim
 Profissão dos pais: comerciantes

Carla

Idade: 28
 Profissão: cineasta
 Escolaridade: superior completo com pós-graduação
 Renda pessoal: freelancer / contrato atual: R\$ 3.000,00
 Renda familiar: R\$ 15.000,00
 Mora com: pais
 Namora: não
 Profissão dos pais: engenheiro eletrônico / enfermeira obstetra

As entrevistas foram transcritas e submetidas ao método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2003). Esse método consiste na fase de preparação do material, inferência ou dedução, e interpretação dos dados. Algumas partes dos

relatos dos sujeitos são destacadas para exemplificar as hipóteses do pesquisador e para mostrar a frequência de determinadas respostas. Dessa forma, é necessário que as entrevistas sejam gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Algumas correções gramaticais foram feitas nos relatos, porém o conteúdo não foi alterado.

O discurso foi interpretado através da técnica de análise temática ou categorial, que consiste em organizar e agrupar o texto em categorias, estabelecendo núcleos de sentido. Uma vez identificados os diferentes núcleos de sentido, os conteúdos passam por uma análise reflexiva, cabendo ao pesquisador realizar observações individuais e gerais das entrevistas.

4.2

Análise e discussão dos dados

Em relação às *vantagens de morar com os pais*, todos os entrevistados citaram a questão financeira. As situações financeiras dos sujeitos, entretanto, são distintas: três não possuíam renda própria quando entrevistados por não possuírem vínculo empregatício em seus trabalhos, dois estavam exercendo trabalho *freelancer* no momento da pesquisa e três são funcionários públicos com salários que variam de R\$ 5.500,00 a R\$ 12.000,00.

“Uma vantagem de morar com os pais é a questão financeira, porque para sair de casa hoje em dia, você tem que comprometer muita coisa da sua renda, até diminuir seus gastos para dar conta, né?”. (Luana)

“A vantagem de morar com os pais é... Olha, eu acho isso maldade, porque claro que eu gosto do amor dos meus pais, mas para mim a vantagem é financeira (...). Então, acho que a vantagem é essa, porque me bancar sozinha seria muito mais complicado. Na minha casa eu já tenho a estrutura toda montada”. (Clarice)

“Vou ficar em casa até passar no concurso dos meus sonhos e também porque com a renda que eu ganho hoje não teria como eu ter o padrão de vida que eu tenho morando com os meus pais. Eu teria que morar na Tijuca ou em Niterói, algum lugar mais afastado”. (Larissa)

“Uma vantagem é manter o meu padrão de vida. Eu vi que o conforto que eu tinha em casa ia ser muito difícil de eu sustentar com o que eu ganhava. Aí eu resolvi juntar um pouco mais de dinheiro, e eu estou quase lá, para poder sair. Eu coloquei uma meta de x nos meus investimentos na bolsa,

de arrecadar tanto para poder sair de casa. Eu tenho a noção de que o meu padrão vai cair, mas eu não queria que caísse muito”. (Eduardo)

Assim, verificamos que as dificuldades financeiras podem dificultar a saída do jovem da casa dos pais. Leitão (1996) ressalta que a crise econômica das sociedades retarda a independência financeira do jovem. As famílias com melhores condições financeiras favorecem o sustento mais prolongado do jovem, facilitando que este busque preparar-se para o mercado de trabalho. Neste processo, os jovens prolongam o estatuto de estudante e permanecem dependentes dos pais.

Munhoz (2012) constata que a situação financeira dos adultos que moram com os pais é precária, impedindo sua independência. Assim como a autora, observamos em nossa pesquisa que a renda da maioria dos sujeitos compromete a saída da casa dos pais. Entretanto, nos deparamos também com casos em que a renda dos filhos é suficiente para que estes possam viver sozinhos. Desse modo, para aqueles que não possuem renda própria, permanecer na casa dos pais se configura como uma necessidade, contrastando com aqueles que possuem um emprego bem remunerado e que a permanência na casa dos pais representa a manutenção do padrão de vida ao qual estão acostumados.

Henriques (2004) também verifica que alguns destes jovens são independentes financeiramente e possuem condições de se sustentarem sem o auxílio dos pais, mas continuam vivendo com os mesmos por opção. Embora estejam aptos para a vida profissional, na medida em que já concluíram os estudos universitários, ainda não estão prontos para assumir as responsabilidades de uma moradia própria.

É importante ressaltar também que a maioria dos entrevistados não contribui com as despesas da casa:

“Meus pais não pedem que eu contribua com as contas. Desde que eu esteja investindo na minha carreira, está tudo bem. Não é um problema”. (Larissa)

“Eles nunca pediram para eu colaborar. Até porque eles entendem que a minha carreira é difícil. Pagar água, gás, não faz diferença para eles. Eu

aqui não sou mais cara. Quando eu era criança, que tinha que pagar colégio, aí eu era mais cara. Hoje é só botar mais água no feijão”. (Carla)
“Eu até gostaria de contribuir com as contas aqui em casa, mas com o dinheiro que eu ganho, não dá. Minha mãe já me disse várias vezes que está na hora de eu contribuir com as contas, como se eu não me importasse com isso. Isso é uma coisa que me deixa nervoso”. (Antonio)

Conforme podemos observar, o fato de os filhos não contribuírem com as despesas da casa pode produzir diferentes reações nos pais e nos filhos. Enquanto para Larissa e Carla essa situação não é fonte de preocupações ou de conflitos, para a família de Antonio ela gera tensões na sua relação com os pais.

Henriques (2009) discorre sobre esse tema ao assinalar que alguns pais compreendem essa situação como falta de engajamento dos filhos no projeto familiar, enquanto outros têm a visão dos filhos como incompetentes na administração de seus salários. Dessa maneira, tanto o sentimento de desigualdade quanto a percepção da incompetência dos filhos são possíveis diante dessa situação.

Apenas um entrevistado afirmou que ajuda nos custos da família. Entretanto, não podemos deixar de frisar que este é o sujeito com a maior renda pessoal do grupo entrevistado, recebendo um salário de R\$ 12.000,00 por mês:

“Minha irmã paga o telefone, eu pago a TV a cabo, coisas que a gente faz porque a gente acha justo. Minha mãe até consegue pagar tudo sozinha, mas a gente acha justo”. (Eduardo)

Ainda quanto às vantagens de morar com os pais, metade dos entrevistados mencionou que considera positivo o fato de não precisar fazer as tarefas domésticas ou se preocupar com a administração da casa. Eles alegam que morar com os pais lhes permite ter uma vida mais prática, cômoda e organizada:

“Outra vantagem é a comida da mãe... Minha mãe já tem mais experiência em termos de compras, vida doméstica, observa melhor o que está faltando. É minha mãe quem lava a roupa. Eu nunca tenho a menor ideia do que está faltando, do que precisa para limpar. Além disso, o apartamento é muito bom, do lado do metrô, é perto da praia.” (Eduardo)

“Uma vantagem de morar com os pais é ter a roupa lavada já, uma comida pronta ali mais próxima. É uma comodidade, a comida pronta, a roupa

lavada, um sabonete ali pronto para você usar. São umas questões supérfluas, assim”. (Antonio)

“Arcar com as responsabilidades de administrar uma casa prejudica esse lado de estudar para concurso. Pelo lado prático, é muito melhor morar com os pais porque você já tem sua vida toda organizada. A única tarefa em casa que eu faço é só lavar a minha louça e arrumar o meu quarto, minha cama. Mas, de resto, não, porque a gente tem empregada. Isso é conveniente por eu estar estudando para concurso, então meu horário é todo apertado”. (Larissa)

Nossa pesquisa vai de encontro à constatação de Munhoz (2012) de que os jovens que moram com os pais não estão satisfeitos com o fato de os afazeres domésticos serem garantidos pela mãe. Assim, podemos corroborar a afirmação de Toledo (2010) de que os jovens resistem em abrir mão da comodidade da comida, da roupa lavada e da privacidade no próprio quarto.

Demetrio (2012) assinala que as tarefas domésticas continuam sendo problemáticas para os jovens quando estes saem da casa dos pais. Ela exemplifica que já existe um serviço virtual de entrega trimestral de itens como meias, cuecas e desodorantes que visa atender o grupo de homens que acaba de sair da casa dos pais e enfrenta a dificuldade de morar sozinho.

A metade dos entrevistados citou também que o diálogo e a amizade com os pais são vantagens de morar na casa da família:

“Eu gosto de passar tempo com meu pai. Daqui a pouco ele está ficando mais velho e é bom ficar junto para ajudar, essas coisas. Acho que é basicamente isso. (...) A vantagem é ficar perto dele, a gente é bastante amigo. (...) A gente é bastante carinhoso um com o outro. A gente conversa sobre várias coisas, sobre a vida de cada um. Quando tem alguma dificuldade a gente se ajuda. A gente toma uma cerveja, essas coisas. Na camaradagem”. (Gabriel)

“Outra vantagem também é que os pais estão sempre oferecendo diálogo se você precisar. Nunca negam diálogo, conversa. Às vezes a gente pode ter uma relação aberta e falar tudo o que se pensa, como você age, o que você quer fazer”. (Antonio)

“A outra vantagem é que você afasta a solidão. Eu não gosto de ficar sozinha em casa. (...) Eu converso muito com eles. Se eu for fazer uma entrevista, logo depois da entrevista eu já ligo para a minha mãe. Eu

também saio com ela para tomar um café, ir ao cinema, fazer compras”. (Luana)

“Eu converso muito com o meu pai, a gente é parecido, pensa parecido. Então, ele me dá um apoio, um alento quando eu estou meio insegura em relação ao futuro”. (Larissa)

Os relatos acima evidenciam a afirmação de Araújo (2009) de que a família vem passando por um processo de democratização, contrapondo-se ao modelo familiar tradicional. Assim como Henriques (2009), percebemos que as relações cada vez mais igualitárias entre os membros da família podem contribuir para que os filhos adiem a saída da casa dos pais. O diálogo e a cumplicidade podem tornar a convivência entre eles mais confortável. Dessa forma, a saída dos filhos da casa dos pais é dificultada pela proximidade e cumplicidade entre os membros da família.

Podemos nos guiar também pela afirmação de Lasch (1977) de que a família ainda constitui um lugar de refúgio frente às vicissitudes do nosso tempo. De acordo com nossos entrevistados, a família pode oferecer ajuda em momentos difíceis, aconselhar e afastar a solidão. Assim, o afeto oferecido pela família parece ser um fator importante para que os filhos permaneçam na casa dos pais.

Henriques, Ferés-Carneiro e Magalhães (2006) também salientam que o jovem adulto poderia estar optando por permanecer na casa dos pais devido ao auxílio concedido pela família. O jovem adulto buscaria o apoio da família ao se defrontar com a dura realidade do quadro de incertezas da atualidade.

Quando questionados sobre as *desvantagens de morar com os pais*, a grande maioria dos sujeitos relatou que não se identifica ou não se sente pertencente à casa da família. Isso pode ser verificado em seis das oito entrevistas. Eles reclamam principalmente da falta de identificação com a decoração escolhida pelos pais, o que os faz sentir como se morassem num espaço que não é mais deles:

“Eu gostaria de entrar num lugar que eu me identifique, que tenha a minha cara, que seja o meu espaço. Essa casa não tem nada a ver comigo. O espaço dela, a decoração, não tem nada meu aqui. Tanto que não é um lugar que eu costumo trazer amigos, entendeu? Eu não me sinto pertencente a esse espaço aqui”. (Carla)

“Eu não estou mais me sentindo a vontade em casa, parece que o lugar não é mais meu. Não tem a minha personalidade”. (Clarice)

“A desvantagem é que a casa é dela, né? Então, querendo ou não, é ela quem manda, é ela quem dita as regras. Por exemplo, a estrutura da casa, os móveis. (...) Então, a decoração é dela, a casa é dela. Qualquer mudança de pintura, de estrutura tem que passar por ela porque é ela quem é a dona da casa”. (João)

“Uma desvantagem seria a liberdade que você não tem por ter que respeitar o espaço do outro. Por exemplo, colocar a bicicleta ergométrica na sala, entendeu? Decorar, colocar a TV do jeito que eu quero na sala, colocar o móvel do jeito que eu quero. Eu deixo os móveis do jeito que estão porque na minha cabeça a casa é da minha mãe (...). Chegou uma hora na minha vida em que eu pensei ‘poxa, essa casa aqui não é mais minha’. Eu não sei te dizer, mas acho que foi depois que eu saí da faculdade. Eu comecei a ganhar mais dinheiro do que eu ganhava antes e percebi ‘essa não é mais minha casa’”. (Eduardo)

Pol (1996) denomina “apropriação” o processo em que o sujeito transforma o seu entorno em um lugar significativo, sentindo que este lhe pertence. Não é apenas a posse legal do espaço, mas o domínio dos seus significados, a identificação que se dá entre o indivíduo e seu espaço habitacional. Podemos observar que nossos entrevistados fizeram o movimento contrário, pois, para eles, o significado da casa parece ter se esvaziado. Assim, ao desatrelar suas identidades do próprio lar, esse movimento pode ser compreendido como uma “desapropriação”.

Gonçalves (2002) segue esse raciocínio ao salientar a diferença entre o “morar” e o “habitar”. O sujeito “mora” no lugar quando sua relação com o ambiente é apenas funcional; mas ele o “habita” quando este passa a ter um valor simbólico e emocional. Dessa forma, podemos considerar que os entrevistados se sentem mais moradores do que habitantes da própria casa.

Cabe aqui destacar que verificamos que, como consequência desse sentimento de não pertença, os sujeitos buscam refugiar-se em seus quartos:

“Ultimamente eu tenho ficado muito dentro do meu quarto. Mais lá dentro do que fora, sabe? (...). Meu quarto é o meu espacinho, o meu seguro, é onde eu tenho realmente um pouquinho mais de privacidade. Tem dias que você chega em casa e não está a fim de papo e também não quer dar

satisfação. Então, o meu quarto é o lugar que eu posso ficar comigo mesma, é diferente do resto da casa. Ele tem mais a minha cara, e tal”. (Carla)

“Só no meu quarto que a minha mãe não mexe. Na hora de arrumar o meu quarto, eu cheguei pro carpinteiro e falei ‘olha, eu acho que a arrumação melhor vai ser essa’”. (Eduardo)

“Eu fico praticamente o tempo todo no quarto. É lá que estão todas as minhas coisas, meu computador, a parede do jeito que eu quero. Eu pintei o mesmo símbolo da minha tatuagem na minha parede”. (Antonio)

“No meu quarto eu pude escolher os móveis, a cor da parede. Eu tenho uma parede laranja, então no meu quarto eu tenho liberdade para escolher, mas só no meu quarto”. (Larissa)

Henriques (2009) assinala que os quartos dos filhos adultos funcionariam como um espaço geográfico independente do resto do território da família, buscando a preservação da autonomia dos mesmos. Porém, ela constata que a defesa desse espaço por parte dos filhos pode ser mais intensa no âmbito do imaginário do que no do concreto. Por passarem muito tempo fora de casa, seus quartos, na realidade, são constantemente “mexidos e remexidos” por suas mães ou diaristas.

Ramos (2002) assinala que a apropriação do quarto tem um papel importante na “construção de si”, cabendo aos pais o reconhecimento do espaço do filho. No entanto, a forma como eles vivenciam o sentimento de separação influencia a admissão parental do quarto do filho como espaço pessoal.

Consideramos relevante ressaltar que a dificuldade de separação entre pais e filhos foi evidenciada na metade dos relatos:

“A minha mãe não lidou bem com a perda da minha virgindade e eu perdi minha virgindade com 20 anos. Ela ficava andando pela casa com uma foto minha de quando eu era criança e dizia ‘a minha princesinha, a minha princesinha’. Eu acho que ela não lida bem com o meu processo de crescimento, sabe? Ela não lidou bem quando eu fui morar fora. Ela achava que eu ia precisar de uma empregada para ficar tomando conta de mim. Achava que a minha casa ia ser a maior bagunça. Eu acho que ela não lida bem com esse lance de eu ser uma adulta. Eu tenho que ser grossa com ela, tenho que dizer ‘me deixa!’”. (Clarice)

“Na época que eu pensei em sair de casa, eu levei minha mãe para o apartamento que eu queria alugar. Ela colocou um monte de defeito no apartamento. Ela não queria que eu saísse de casa. Eu lembro que teve um dia que eu falei para ela: ‘pô mãe, eu quero sair e tal’, e aí ela ficou triste”. (Eduardo)

“Lá eu tenho comida, roupa lavada, atenção. Se eu ficar morando perto dela, eu vou sentir falta dessas coisas todas e posso acabar querendo voltar. Eu não cozinho, eu não tenho máquina de lavar, eu não sei passar roupa, eu tenho tudo pronto, né? Então, se eu continuar no Rio é bem capaz de eu continuar na casa da minha mãe. Acho que eu só conseguiria morar sozinho se eu me mudasse para outro estado ou país, porque eu aprenderia a viver sem as regalias que eu tenho lá”. (João)

“Meus pais se divorciaram há 6 anos e eu fui morar com o meu pai porque foi minha mãe quem quis sair. Meu pai ficou chateado na época, então fiquei com ele para dar um apoio. Então eu estar morando com ele também tem isso de dar apoio um pro outro. Eu gosto de ajudá-lo e acho que ele sentiria muito a minha falta se eu fosse embora”. (Gabriel)

As falas acima corroboram a afirmação de Winnicott (1971) de que o percurso rumo à independência dos filhos é influenciado pela dinâmica familiar. Na medida em que o ambiente familiar torna a criança gradativamente capaz de se defrontar com as dificuldades do mundo, a conquista da sua independência se inicia.

Para que isso ocorra, Bowlby (2004) salienta que o sujeito precisa ter estabelecido o apego seguro com seus cuidadores. Os indivíduos com estilos de apego seguro são criados em um ambiente que fornece uma base de segurança quando estão angustiados. Desse modo, eles são munidos do sentimento de confiança necessário para enfrentar as adversidades da vida.

Cabe aqui destacar também a afirmação de autores como Leitão (1996), Aberastury & Knobel (1970), Cordeiro (1979) e Blos (1962) de que é importante que a família elabore o luto da infância dos filhos para que estes possam conquistar mais autonomia. Os pais que apresentam dificuldade de separação dos filhos não estimulam a individuação dos mesmos. Isso pode ser percebido principalmente no relato de Clarice, pois a entrevistada indica que sua mãe parece manifestar um comportamento superprotetor, resistindo à independência da filha e não conseguindo deixar de controlá-la.

Tal dificuldade de separação pode se manifestar no comportamento dos filhos de diferentes maneiras. No relato de João observamos a dificuldade de separação por parte do filho devido ao seu temor de não conseguir organizar um lar, tornando-o dependente de sua mãe. Verificamos também que o sentimento de culpa dos filhos pode ser um obstáculo para a saída da casa dos pais. No relato de Gabriel percebe-se que o filho tem a função de auxiliar o pai, sentindo-se culpado por ter que “abandoná-lo” um dia. Dessa forma, é possível que o sentimento de culpa em relação ao pai gere uma ambivalência de sentimentos em relação à separação do mesmo.

As mulheres entrevistadas apontaram como desvantagem também a impossibilidade de dormir com seus namorados em casa. Consideramos interessante que esse fato foi constatado apenas no grupo feminino. Elas relataram que se sentem limitadas e incomodadas com essa situação:

“A desvantagem é os meus pais serem muito conservadores. Eles não veem com bons olhos eu dormir com alguém, trazer um rapaz aqui para casa. Eles não deixam. Eles acham que é uma obscenidade. Isso me limita muito, sabe? Já é difícil encontrar alguém e eu ainda não posso trazer para casa”. (Carla)

“Eu queria também ter liberdade de levar meu namorado para dormir em casa, porque eles não deixam. Quando a gente quer dormir juntos, eu vou para a casa dele ou para um motel. Então isso incomoda bastante”. (Larissa)

“Meus pais não me deixam trazer ninguém aqui para casa. No começo não me deixavam ficar nem na casa do meu namorado e eu já tinha 20 anos. Foi só com o meu segundo namorado, com 24 anos, que eles me deixaram. Mas eu tive que bater o pé: ‘eu vou dormir na casa do meu namorado!’”. (Clarice)

Munhoz (2012) ressalta que suas entrevistadas também reclamam da falta de permissão para manter relações sexuais com o cônjuge em casa. Elas alegam ainda que somente seus irmãos podiam levar as namoradas para dormir em seus quartos. Assim como em nossa pesquisa, a permissividade para dormir com o parceiro em casa foi constatada apenas no grupo masculino.

Observamos também que a falta de privacidade na casa dos pais foi considerada uma desvantagem por duas entrevistadas:

“Aqui em casa tem um problema de falta de privacidade porque não é um apartamento muito grande e eu tenho dois irmãos que moram aqui também, um de 26 anos e outro de 30 anos. (...) Então, tem uma coisa de não saber onde ficar na casa.” (Luana)

“Estou me sentindo muito sem privacidade. Para você ter uma ideia, minha mãe invadiu meu *Facebook* para saber sobre um garoto que eu estou saindo. Eu nem queria falar para ela que eu estou saindo com esse menino, eu não queria compartilhar isso com ela”. (Clarice)

A dificuldade da conquista da independência dos jovens é causada, para Dolto (1989), pelo fato de os pais se colocarem como amigos de seus filhos. Os pais que assumem essa posição buscam uma relação na qual há intimidade suficiente para conhecer minuciosamente a vida dos filhos. Conforme visto no relato de Clarice, ao agirem dessa forma, eles podem gerar obstáculos para o processo de individuação no qual a busca da privacidade será cada vez maior.

No que se refere às suas *relações amorosas*, dois sujeitos relataram que nunca namoraram ou tiveram um relacionamento mais longo. A primeira revelou um padrão de relacionamento afetivo sem compromisso e o segundo admitiu ter dificuldades para se relacionar.

“Meu relacionamento mais longo durou semanas. Foi com uma menina na época do colégio. Depois eu fiquei com uma pessoa ou outra, mas durou só uns dias. (...) Não sei porquê. Talvez um relacionamento não seja uma prioridade na minha vida. Acho que eu tenho dificuldade com relacionamentos. Apesar de eu ter 28 anos, acho que ainda estou muito infantilizado em alguns pontos, assim”. (João)

“Eu nunca tive um namorado sério. Já tive uma relação de mais de 1 ano que nunca apresentei para a minha família. (...) Não apresentei para a minha família porque eu não levava muita fé na relação. No total foram três relações que eu não apresentei para a minha família. Eu nem chamava de namorado. Eram relações diferentes, a gente se encontrava toda semana sem compromisso. E aí, acabou que eu fui me acostumando a não apresentá-los para a minha família (...) Eu fico triste por nunca conseguir uma relação mais séria”. (Luana)

João evidencia certa resistência em buscar um relacionamento amoroso. Seus motivos, no entanto, não foram expostos com clareza. Podemos verificar, contudo, que esse relato vai ao encontro da afirmação de Bauman (2003) de que nos dias atuais torna-se cada vez mais difícil formar e manter laços amorosos.

Já o tipo de relação amorosa exposto no relato de Luana aproxima-se do “ficar”, pois prevalece a falta de compromisso entre os parceiros. A entrevistada mostra estar em consonância com a constatação de Chaves (2003) de que a prática do “ficar” pode causar um sentimento de vazio pelo fato de os parceiros se sentirem descartados.

Três entrevistados ressaltaram que já tiveram relacionamentos longos, mas hoje optam por apenas “ficar”. Em seus relatos podemos verificar o medo de se envolver novamente com alguém e a necessidade de se proteger de possíveis frustrações amorosas:

“Depois do meu segundo namorado, eu acho que deixei de me envolver com quem eu fico, sabe? Antes, quando eu estava ficando com um cara, eu me envolvia mais, não tinha vontade de ficar com outros caras. Eu acho que eu me envolvia demais com as pessoas, eu me entregava demais e, no final, sempre levava um pé na bunda. Acho que de tanto levar pé na bunda, eu deixei de me envolver com as pessoas. (...) Desde o ano passado eu estou muito nessa coisa do sexo casual, sabe? Eu saio com os caras pensando ‘você não tem potencial para eu me interessar por você. Só quero sexo mesmo’”. (Clarice)

“Eu tive poucos namoros, foram cinco no total. Mas tive duas experiências que foram realmente significantes. Uma delas durou um ano e a outra durou dois. E depois dessas relações, eu não namorei mais. Eu acho que agora eu tenho uma tendência a me relacionar de uma forma sem parâmetros de tempo, de padrão do tipo “ah, eu gosto é dessa pessoa, então é essa pessoa quem tem que estar do meu lado”. Acho que eu bani isso de mim por algum motivo... Por proteção, para a minha proteção. (...) Eu nem sempre fui assim, as pessoas vão mudando, né?” (Antonio)

“Desde meu último namoro eu tenho me sentido muito confusa. Eu tenho medo de me relacionar e ter que me frustrar. Então, agora eu prefiro não namorar, não me apegar a ninguém”. (Carla)

Conforme assinalado anteriormente, Bauman (2003) salienta que a era em que vivemos contribui para tornar os laços amorosos efêmeros, podendo deixar marcas nos sujeitos. Isso seria fatal para nossa capacidade de amar ao próximo ou a nós mesmos.

Esse fato nos leva a destacar novamente a observação clínica de Gomes (1992) em relação ao sofrimento dos sujeitos que já se sentiram descartados. Devido à falta de estabilidade de suas experiências amorosas passadas, esses

sujeitos convivem com o medo e a desesperança em suas relações amorosas atuais. Dessa maneira, é compreensível que esses sujeitos evitem a possível frustração decorrente do compromisso com o outro.

Três sujeitos, no entanto, mostram-se mais tradicionais, dando preferência ao namoro. Dois sujeitos, entretanto, ressaltam que suas relações costumam durar pouco tempo, indicando um padrão mais “solto” em seus namoros:

“Eu já tive umas 5 namoradas. Eu comecei a namorar com 16 anos. Tive vários namoros que duraram só alguns meses, menos com uma que durou dois anos, dos 20 aos 22 anos. Depois eu namorei por 4 meses com outra e agora recentemente, eu namorei 6 meses com outra. Eu e minha namorada atual estamos namorando há dois meses”. (Gabriel)

“Eu já tive três namoradas (...). O meu relacionamento mais longo durou quatro anos e meio e nós terminamos porque ela se mudou para longe. Um ano depois do fim do namoro com a minha ex, eu comecei a namorar com a minha atual e nós estamos juntos há dois anos”. (Eduardo)

“Eu sempre gostei de namorar, mas nem sempre as coisas saíam como o esperado e a relação acabava terminando. Com alguns durou pouco, só alguns meses. Estou no meu sexto namorado. (...) Agora estou numa relação mais séria, namorando há dois anos”. (Larissa)

A pesquisa de Henriques (2004) com adultos que moram com os pais mostra que os sujeitos que namoram tendem a construir uma relação mais “solta” com o parceiro, ou seja, suas relações interpessoais são pouco exigentes e marcadas pela dificuldade de serem mantidas. Esse tipo de compromisso afetivo tem a ver com o que Rossi (2003) denomina de “amor eterno”: os membros do par não se casam, não convivem, encontram-se quando há vontade e não existe responsabilidade mútua. A tendência seria vivenciar namoros sequenciais a fim de obter apenas o prazer individual.

Quando perguntados sobre *a relação dos pais com seus parceiros amorosos*, os entrevistados “ficantes” pontuaram que esse tipo de relação amorosa não gera conflitos entre pais e filhos, pois os pais parecem aceitá-la. Contudo, percebemos que em alguns casos essa pacificidade é mantida na medida em que pais e filhos evitam conversar sobre o assunto e que é possível que alguns pais não compreendam como o “ficar” funciona. Além disso, observamos que os pais não pressionam os filhos a buscarem um relacionamento mais sério:

“Minha mãe demonstra interesse sobre a minha vida amorosa. Às vezes ela pergunta com quem eu estou saindo. Ela sabe que tem alguns homens na minha vida, mas ela não sabe como é minha relação com eles porque eu não dou abertura para esse tipo de conversa. (...) A gente não conversa muito sobre isso. (...) Na verdade, ela não sabe como funciona o “ficar”, ela não sabe que quem fica pode chegar a ter uma relação sexual. (...) Ela apoia que o casamento é só depois de se estabilizar profissionalmente”. (Clarice)

“Acho que no sistema que a gente vive aquela ideia tradicional do relacionamento a dois não funciona mais. A pessoa trabalha doze horas por dia, está comendo andando, está sempre correndo. Eu não acredito que haja a possibilidade de haver um convívio bom desse jeito. E eu acho até que isso me facilita ficar morando com o meu pai e com a minha mãe porque eu posso falar com eles sem problemas sobre com quem estou saindo e eu não vejo meus pais me cobrando de eu ter esse tipo de relação tradicional ou de casar”. (Antonio)

“Minha mãe nunca me perguntou por que eu não trago namorados aqui para casa. Ela fica sem graça de conversar esse tipo de coisa. De vez em quando a gente comenta ‘estava saindo com não sei quem e não deu certo’, mas bem superficialmente. Com o meu pai também é zero conversa em relação a isso. Com certeza ele sabe que eu já me relacionei com alguém, mas nunca me perguntou nada”. (Luana)

“Eu prefiro manter certa discrição da minha vida para poupá-los. É claro que eles sabem que eu “fico”, mas eu prefiro não comentar nada com eles por eles pertencerem a uma cultura mineira, do interior, portuguesa, sabe? A gente vive em dois mundos completamente diferentes. Eles realmente têm uma visão muito conservadora do mundo. Então, existe pouco diálogo nesse sentido.” (Carla)

Podemos verificar que a aceitação desse tipo de relação amorosa por parte dos pais pode facilitar a estadia dos filhos na casa dos mesmos. Como assinalado por Antonio, na medida em que os pais não cobram que o filho se case, este pode viver sem o peso da obrigação do casamento, podendo exercer sua sexualidade com liberdade. Nesse sentido, morar com os pais torna-se confortável.

Para Clarice, Carla e Luana, o fato de elas “ficarem” parece ser um assunto mais delicado e difícil de ser abordado em suas famílias, sendo evitado entre pais e filhas. Assim, observamos que no grupo feminino esse tema tende a ser percebido como tabu pelos familiares. No entanto, elas tampouco são pressionadas pelos pais a ter um relacionamento mais tradicional, tendo autonomia para escolher como e com quem se relacionar.

Os sujeitos que namoram relataram que os pais têm uma boa relação com seus parceiros e também mencionaram que não se sentem pressionados para casar, como podemos ver nas falas abaixo:

“Apesar de os meus pais não deixarem meu namorado dormir aqui em casa, eles gostam dele. A relação deles é boa, sim. Eles gostam dele e gostariam que eu casasse com ele. (...) Não, eles nunca falaram que eu tenho que me casar com ele. Quando eu comento alguma coisa de casamento, eles acham que ele seria um cara legal para casar. Mas claro que eles ficam com o coração apertado quando eles pensam que um dia eu posso me casar. Tem essa coisa do carinho por eu ser filha mulher, meu pai é muito carinhoso com a gente. Eu sei que o sentimento é esse, de coração apertado”. (Larissa)

“Minha mãe se relaciona bem com a minha namorada. Talvez ela se identifique um pouco porque essa minha namorada atual trabalha muito e minha mãe vê o esforço dela. Ela trabalha até nos finais de semana. Então minha mãe e ela trocam figurinhas. Minha mãe fala do namorado dela para ela, acho que minha mãe conta até coisas para ela que não conta para mim, por ser mulher, inclusive. A minha mãe dá muita liberdade para a minha namorada, inclusive para dormir lá em casa. (...) Acho que ela gostaria que eu me casasse com ela, mas nunca comentou nada comigo”. (Eduardo)

“Meu pai é muito tranquilo em relação às minhas namoradas, sempre foi. É atencioso, puxa um papo. Eu também posso levar quem eu quiser lá pra casa, até porque meu apartamento tem dois andares, então evita cruzar com os meu pai bastante. Meu pai já cruzou, viu a menina, mas nada demais. Ele não fala nada, fica tranquilo. Ele até fica meio sem querer incomodar. Minha mãe é mais ciumenta, então ela fica mais reservada, mas nada demais, ela às vezes também conversa e tal. Mas meu pai é super tranquilo”. (Gabriel)

A liberdade sexual dentro da própria casa favorece que Eduardo e Gabriel permaneçam morando com os pais. Larissa, por outro lado, vivencia o incômodo da falta de permissão para dormir com o namorado na casa. Conforme destacado anteriormente, a permissividade para que os filhos tenham relações sexuais na casa da família foi verificada apenas no grupo masculino.

Contudo, em todos os casos, os pais mantêm uma relação agradável com os parceiros dos filhos, não havendo grandes conflitos. Desse modo, os filhos não sentem a necessidade de sair de casa para viver uma relação amorosa. Outro fator importante a ser destacado é o fato de os pais não pressionarem os filhos a se casarem. Conforme enfatizado por Larissa, seus pais “ficam com o coração

apertado” quando pensam na possibilidade de a filha se casar. Este fato contribui para que ela continuem na casa da família.

Quanto a seus *planos de casamento*, a metade dos sujeitos alegou não ter projetos. Em dois casos, o desejo de se casar está presente, porém a incerteza do futuro interfere nos planos da vida amorosa. Outros dois entrevistados relataram que não gostariam de casar:

“Com o passar dos anos, eu fui ficando meio ‘pode ser que eu me case, pode ser que eu não me case’. Atualmente, eu acho que não casar é uma coisa perfeitamente possível de acontecer, mas eu ainda quero. Se eu encontrar alguém que eu realmente goste, eu gostaria de me casar. Acho que eu gostaria de ter uma família como eu tenho. Eu ainda acho legal casamento bonitinho, pai, mãe e filho”. (Luana)

“Como toda mulher, eu gostaria de casar e de ter filhos. Mas eu não tenho ideia de quando. Eu não tenho ninguém na minha vida agora e nem sei se ou quando vai rolar de eu conhecer alguém que eu queira me casar”. (Carla)

“Eu não vejo o casamento como uma luz no fim do túnel. Se eu for me casar com alguém, tem que ser algo que valha muito a pena, porque matrimônio não tem nada a ver com romantismo. É um acordo que você faz com a pessoa, você vai ficar com ela não importa o quê. Eu não gostaria de me casar necessariamente”. (Clarice)

“Eu não planejo me casar. Eu não tenho essa exigência. É até possível que a vida me leve um dia a morar junto com alguém, mas não é uma coisa que eu desejo”. (Antonio)

Esses relatos nos levam a salientar a constatação da pesquisa de Chaves (2004) de que a maioria dos jovens se sentem desorientados e céticos em relação ao seu futuro amoroso e que aqueles que acreditam que algo pode melhorar têm uma perspectiva de mudança confusa, como se, na verdade, acreditassem pouco nisso.

É preciso levar em conta também que na nossa pesquisa as mulheres entrevistadas, sobretudo, revelaram essa descrença no casamento. Apesar de desejarem se casar um dia, não se mostram confiantes de que esse desejo um dia se realizará, o que dificulta o planejamento do casamento. Conforme demonstrado acima, apenas um sujeito do sexo feminino relatou não desejar se casar.

Essas evidências corroboram a constatação de Henriques (2004) de que as mulheres que moram com os pais possuem o desejo de formar uma família, mas percebem as relações como “soltas” e difíceis de serem mantidas. A fixação e a formação de vínculos estariam, assim, comprometidas.

A outra metade dos entrevistados mencionou que pretende se casar, porém eles ressaltaram principalmente que o alcance da estabilidade financeira deve ocorrer antes do casamento. Além disso, eles salientaram que gostariam de realizar outros desejos antes de casar, como morar sozinho, viajar e passar em concurso público:

“Eu pretendo casar algum dia, sim. No máximo com uns 35 anos. Meu pai teve filhos muito velho, então eu vejo que é melhor ter filhos mais novo. (...) Mas antes de casar, eu quero conquistar meu espaço, morar um tempo sozinho. Também queria ter bastante estabilidade financeira”. (Gabriel)

“Eu penso em me casar com a minha namorada atual. Quer dizer, casar vai depender dela. Eu cheguei a ver apartamento com ela, mas aí vai ter que mobiliar, vai gastar um dinheiro muito grande, e eu prefiro que a gente faça uma viagem juntos, assim. Então espera o tempo de a gente juntar dinheiro e manter esse padrão que a gente tem”. (Eduardo)

“No meu mundo da fantasia, eu tenho planos de casar com o meu namorado depois de passar no concurso dos meus sonhos. Aí eu teria a estabilidade que eu preciso para casar”. (Larissa)

“Não penso em me casar ou em ter filhos antes dos 40 anos. Primeiro eu quero conhecer o mundo todo e ter condições financeiras e psicológicas de poder cuidar de uma criança também”. (João)

As respostas dos entrevistados condizem com a constatação de Falcke, Zordan e Wagner (2009) de que o casamento está sendo adiado devido à priorização do investimento na formação profissional, tanto para os homens como para as mulheres. Féres-Carneiro (2006) também mostra que os projetos profissionais do jovem estão cada vez mais presentes nos seus planos para o futuro. Os projetos conjugais, assim, seriam uma consequência do alcance da estabilidade financeira e profissional.

Como visto nos depoimentos, apenas Gabriel relatou que pretende se casar “mais novo”, no máximo com 35 anos. Entretanto, ele também ressaltou a

importância de conquistar a estabilidade financeira e realizar alguns desejos individuais antes do casamento.

Quanto à visão dos entrevistados frente ao *mundo do trabalho*, a instabilidade e a concorrência do mercado laboral foram os pontos apontados por todos os entrevistados:

“Minha vida profissional nem sempre está atrelada a uma remuneração monetária. A gente trabalha muito como voluntário e de *freelancer*, então é bem complicado conseguir uma estabilidade. Mas eu acho que hoje em dia está difícil para todo mundo. Não importa o que você escolhe fazer, tem sempre muita concorrência. Não existe um campo ideal”. (Clarice)

“Um motivo de eu morar com os meus pais é eu não ter uma renda fixa. Como é difícil fazer um nome no meu mercado, que é super fechado, não é todo dia que eu tenho trabalho. (...) Como eu sou *freelancer*, eu não consigo nem ter uma previsão de quando eu vou sair da casa dos meus pais, porque eu ganho dinheiro com um trabalho, mas no mês que vem eu não ganho, então eu não sei se daria para me sustentar. (...) Acho que o mundo do trabalho é difícil para todo mundo”. (Carla)

“Na minha área, que é a que eu conheço mais, o mercado está aquecido. Mas ao mesmo tempo, eu acho que não existe uma estabilidade ainda. As coisas podem mudar muito rápido. Eu não sinto que o mercado de trabalho é totalmente consistente, eu sinto uma instabilidade no mercado. Então por mais que eu não tenha medo de ficar desempregada hoje, eu acho que você tem que tomar muito cuidado em como você vai construir sua carreira para quando você tiver lá seus quarenta anos, não ficar na mão”. (Luana)

“Para quem quer concurso está difícil, né? Está cada vez mais concorrido e a maioria que faz direito quer concurso, ninguém mais quer advogar. Mas o meu sonho mesmo é ser promotora de justiça, que é um concurso bem concorrido e que demanda bastante tempo para estudar, e tal”. (Larissa)

“O mundo do trabalho é complicado. Se você não se especializar, as chances são poucas. Se você não tiver contato também, né? Eu digo muito pros meus amigos: ‘você tem que correr atrás’. Você tem fazer com que todo mundo saiba que você precisa de um trabalho naquela área, naquele lugar”. (João)

Estes resultados correspondem à *hipermodernidade* descrita por Lipovetsky (2004) em que predominaria a instabilidade e a competição do mercado de trabalho. Para descrever essa realidade, os entrevistados usaram palavras como “complicado”, “difícil”, “instável” e “concorrido”.

Principalmente os sujeitos que exercem trabalho *freelancer* mostraram-se insatisfeitos por conviverem com a falta de garantias de estabilidade financeira. Estes seriam os indivíduos que melhor representam aquilo que Bauman (2000) chama de “capitalismo leve”: suas experiências profissionais têm “data de validade” e eles devem permanecer flexíveis às constantes mudanças do mercado. Como destacado por Carla, conviver com a falta de segurança do mundo do trabalho dificulta sua iniciativa para sair da casa dos pais, pois ela teme não conseguir se sustentar financeiramente no futuro. Assim, para esses sujeitos, sair da casa dos pais é mais arriscado e amedrontador do que para aqueles que possuem um emprego mais estável.

No que se refere à *relação dos pais com o trabalho dos filhos*, verificamos que os pais dos jovens que não optaram pelo concurso público se preocupam com o futuro dos filhos e, em alguns casos, os incentivam a seguir a carreira pública:

“Meu pai fica sempre perguntando ‘você vai ganhar dinheiro com isso?’. Ele sempre quis que eu fizesse concurso público. Eu já tive várias discussões com ele por causa disso, de eu gritar ‘eu não vou fazer concurso público!’. Ele não compreende isso. Acho que meus pais não compreendem isso porque eles tinham planos que não seguiram para fazer concurso público. (...) Eu acho que na realidade eles não foram totalmente felizes. Eles foram felizes num sentido material. As duas casas que nós temos são próprias, né?” (Clarice)

“Meus pais detestam a instabilidade do meu trabalho. Minha mãe queria que eu tivesse feito direito, andasse de tallerzinho, tivesse um namorado coxinha que usasse camisa polo, sabe? (...) Eles se preocupam muito com a minha instabilidade, mais até do que eu. Um dia eles vão se aposentar, vão morrer, e o que vai ser de mim?” (Carla)

“O problema é que meus pais são funcionários públicos. (...) Então, eles têm essa questão da estabilidade. Pela minha mãe, eu já estaria estudando para um concurso para a Petrobrás e ela ficaria muito mais feliz, eu tenho certeza. Independente do que eu falo para ela, que eu poderia ganhar menos, que o trabalho seria chato, que eu não seria feliz, mas ela acha que o mais importante é você ter estabilidade, que foi o que eles tiveram a vida toda. Por um lado eu os entendo, mas não é meu sonho”. (Luana)

“Meus pais acham que eu não ter um trabalho fixo é preocupante. (...) Minha mãe fala alto, fala de uma forma agressiva que eu tenho que arranjar algo mais estável. (...) Ela gostaria que eu trabalhasse em qualquer coisa para que eu me adaptasse a uma vida normal, como é a dela. Ela gostaria que eu tivesse uma estabilidade. Acho que essa é a preocupação de toda mãe”. (Antonio)

Os sujeitos mostraram estar de acordo com a observação de Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006) de que os pais e os filhos possuem visões diferentes sobre o trabalho, podendo gerar atrito entre eles. Enquanto a geração dos pais tende a valorizar a noção da duração e do longo prazo, a geração dos filhos está mais voltada para a perspectiva do curto prazo e da provisoriedade das experiências sociais. Assim, o trabalho empreendedor se adequaria mais às necessidades dos filhos.

Por outro lado, nosso grupo de sujeitos conta também com jovens que buscaram o trabalho público. Esses sujeitos alegaram que além de terem recebido apoio dos pais, fatores como o medo da instabilidade da carreira privada, a possibilidade de crescer no trabalho e o sonho de oferecer uma vida estável para os filhos também influenciaram a escolha de trilhar a carreira pública. Larissa chega a mencionar que a iniciativa de buscar o emprego público partiu dela e não dos seus pais. Sendo assim, a escolha pelo concurso público foi influenciada não só pelos pais, mas também por seus desejos individuais:

“Nessa época eu queria ganhar muito dinheiro. Então eu pensei que além da estabilidade, eu ainda podia crescer no trabalho. Tem muitas oportunidades lá dentro”. (Eduardo)

“Eu fiz concurso público pelos meus pais. Meus pais são concursados, então... Eu terminei a faculdade sem saber o que ia fazer. Dei uma pesquisada nos concursos que tinham. Esse era menos concorrido na época. (...) Eu tenho muito medo do mercado privado. Meu tio perdeu tudo, meu primo foi despedido, tiveram alguns casos na minha família que me colocaram medo do mercado privado. Então desde a faculdade, eu nunca quis o mercado privado (...). Eu me sinto mais seguro, mais tranquilo assim”. (Gabriel)

“Meus pais sempre me apoiaram a fazer concurso público, mas foi uma decisão minha seguir a carreira pública. A iniciativa partiu de mim e eles me apoiaram. Acho que além da função social do trabalho público, eu também optei por esse caminho porque eu quero criar meus filhos bem. Eu quero cuidar deles (...). Eu quero estar presente pros meus filhos. O emprego público te proporciona uma vida mais estável, porque eu vou ter mais tempo, uma maior remuneração, vou ter uma vida mais confortável”. (Larissa)

Podemos perceber que esses sujeitos apontam principalmente para a falta de segurança e a instabilidade do mercado privado. Conforme vimos, isso pode

provocar medo e ansiedade no indivíduo, fazendo-o optar pela garantia de estabilidade do setor público. De acordo com dados do IBGE (2010), a busca por cursos preparatórios para concurso público cresce cerca de 15% ao ano.

Cabe aqui observar também que esses jovens empregados públicos continuam morando na casa dos pais, apesar de possuírem independência financeira. Podemos compreender esse fato a partir da afirmação de Henriques (2004) de que eles buscariam o acolhimento oferecido pela família frente a um mundo “sem proteção”, adiando os compromissos de uma vida fora dos muros de casa.

Quanto aos *projetos profissionais*, observamos que a maioria dos sujeitos acredita na possibilidade de crescer profissionalmente. No entanto, para três entrevistados, o futuro profissional parece não ser claro, o que faz com que eles não tenham um plano definido. :

“Eu já tive bastantes planos profissionais. Para mim era certo que eu ia fazer vestibular, entrar na faculdade, terminar a faculdade, fazer mestrado, doutorado. Mas eu já me desiludi tanto que ultimamente eu não tenho me planejado. É claro que um planejamento mínimo você tem que ter. Por exemplo, eu escolhi uma área dentro da arqueologia que eu quero me especializar. (...) Mas eu não tenho nenhum planejamento além desse, não sei como vai ser a minha vida”. (Clarice)

“Surgiu um convite para eu trabalhar em Portugal no final de julho, mas eu não sei se esse convite vai se manter. Mas eu gostaria de trabalhar lá, ter uma experiência no exterior. Se eu continuar no Rio, é bem capaz de eu continuar na casa da minha mãe. Na verdade, não tem nada muito certo”. (João)

“Eu gostaria de seguir o caminho das artes. Música, pintura, esse tipo de arte. Gostaria que a minha banda crescesse profissionalmente, mas eu sei que isso é muito difícil porque minha música não é do tipo comercial. Isso é o que eu gostaria, mas eu não sei se vai acontecer, então eu não fico me planejando”. (Antonio)

Verificamos que a incerteza do futuro interfere nos planos para o futuro desses entrevistados. Conforme descrito anteriormente, Pais (2006) assinala que esses jovens têm uma percepção do futuro como “desfuturizado”. Eles reagem à incerteza dos tempos atuais investindo somente no presente e evitando investir no futuro. Dessa forma, eles se sentem mais seguros vivendo somente o dia-a-dia e

fazendo projetos de curto prazo, ao se depararem com o cenário instável da pós-modernidade.

Aqueles que possuem um plano mais definido gostariam de subir de cargo no trabalho, montar uma empresa própria ou passar para um concurso público melhor:

“Quando eu terminar o mestrado, eu quero trabalhar numa área de finanças mais abrangente. Então no momento eu quero me tornar uma boa profissional para entrar nessa área logo. Claro que a longo prazo, eu quero ser diretora. Eu tenho, assim, essa ambição”. (Luana)

“Vou tentar crescer no meu trabalho mesmo. Tem que fazer carreira lá. Não penso em fazer pós, não penso em fazer mestrado”. (Gabriel)

“Eu gosto muito de estudar. Agora eu faço direito na UFRJ, que não tem nada a ver com o que eu trabalho, mas eu tenho interesse. E eu tenho um projeto paralelo. Eu gostaria de montar uma empresa de tecnologia”. (Eduardo)

“Minha grande perspectiva profissional é passar para o concurso que eu estou fazendo agora. E aí depois, quem sabe, eu vou tentar o mestrado? Não sei”. (Larissa)

“Eu tenho o sonho de me tornar diretora de TV ou cinema e desenvolver meus filmes, entendeu? Então eu estou trabalhando nesse momento, escrevendo meus curtas e aí de pouquinho em pouquinho você vai criando um nome”. (Carla)

Quando perguntados sobre *como se veem daqui a um tempo*, seis entrevistados revelaram o desejo de estarem morando fora da casa dos pais em um período que varia de dois a dez anos. Nesse tempo, eles pretendem morar fora do país ou sozinhos, casar ou formar família:

“Se eu pensar em uns cinco anos, assim, eu me vejo morando sozinha ou com o meu marido. De preferência, em algum lugar perto daqui, porque eu quero continuar morando perto dos meus pais, podendo participar da vida deles. Eu não gostaria de, por exemplo, me mudar pra São Paulo. Acho que em uns cinco anos, eu estaria juntando um dinheiro para comprar um apartamento. E nesse momento, não ter filhos ainda, estaria viajando bastante, mas ao mesmo tempo, pagando o apartamento... Filho, só daqui a uns 6 anos, com uns 34”. (Luana)

“Eu sempre tive muita vontade de estudar no exterior, então eu gostaria de fazer meu mestrado no exterior. Pode ser que dê, pode ser que não dê. Eu não sei, mas eu vou me esforçar. Eu não sei como eu vou estar no futuro. Não sei se eu vou estar com alguém, não sei. Eu queria só que daqui a seis anos eu já tivesse um mestrado para eu poder já pensar sobre filhos porque eu quero muito ser mãe. Então meu único planejamento é esse: daqui a seis anos ter o mínimo de estabilidade para poder ter filhos”. (Clarice)

“Eu já tenho um convite para morar fora do país. Se isso não der certo, acabando minha faculdade, eu pretendo morar perto do meu pai em Florianópolis, que o custo de vida é mais baixo. Então lá com uns 2.500 reais dá para alugar um apartamento e ter uma vida boa. Isso seria daqui a uns dois anos. Se eu continuar no Rio, fica mais difícil de sair da casa da minha mãe”. (João)

“Daqui a uns dez anos, eu quero ter uns quatro filhos. É isso que eu penso por enquanto, não sei se vou conseguir concretizar. Pode ser que eu mude de ideia, enfim... Mas esse é o plano que eu tenho na minha vida pessoal. Também quero aprender a tocar música, aula de vela... coisas que eu sempre quis fazer e não fiz porque não tinha tempo. Basicamente é isso, é me deixar levar e ver no que vai dar”. (Gabriel)

“Daqui a um tempo eu me vejo pai, morando sozinho, casado ou não, pode ser união estável. Com tempo para fazer triatlo, porque eu corro, pedalo, mas atualmente eu estou sem tempo. Com mais dinheiro no bolso e feliz. Isso seria daqui a uns oito anos”. (Eduardo)

“Eu gostaria de estar casada daqui a alguns anos, trabalhando no que eu quero e com filhos. Claro que os filhos viriam depois de eu estar estabilizada profissionalmente. E os filhos seriam daqui a uns quatro anos. Acho que com trinta e três, trinta e cinco anos eu gostaria de estar tendo filhos. Mas, eu não sei, os planos mudam, né?” (Larissa)

Apesar desses entrevistados demonstrarem pouca certeza em relação a como estarão no futuro, é importante observar que eles mencionaram que se veem morando fora da casa dos pais num futuro próximo. Assim, a maioria dos nossos entrevistados foi capaz de traçar um projeto para que a saída da casa dos pais seja possível.

Entretanto, dois entrevistados revelaram que não possuem uma perspectiva de quando sairão da casa dos pais:

“Eu gostaria de ser uma pessoa saudável no futuro, de bem com a vida, jovem de espírito, com fôlego, com vontade de me mover. Eu tenho feito triatlton, bicicleta, corrida, natação é legal também. Eu quero isso, estar com saúde, encontrar com os amigos, viver. O que importa para mim é ter

saúde. Fora isso eu não faço nenhum plano para o futuro. (...) Eu não sei se vou estar morando sozinho. Se eu pudesse escolher, eu preferiria não estar morando com os meus pais, mas se eu estiver morando com eles, não vou me sentir mal”. (Antonio)

“Eu me preocupo bastante com o meu futuro. De vez em quando bate uns medos porque a minha carreira é muito difícil, muito incerta. Então pra combater isso eu tento valorizar muito o que eu estou vivendo agora, até porque isso vai evitar uma velhice com traumas e frustrações. Mas a verdade é que eu não sei como vou estar no futuro, não sei quando vou poder sair da casa dos meus pais”. (Carla)

Novamente nos deparamos com relatos que revelam a tendência apontada por Pais (2006) de que os jovens busquem viver somente o momento presente devido à instabilidade dos nossos tempos. O último relato revelou, ainda, o medo causado pela incerteza do futuro, conforme ressaltado por Lipovetsky (2004). É compreensível que os jovens se sintam amedrontados num mundo que não oferece a segurança necessária para que o indivíduo construa perspectivas sólidas.

5

Considerações finais

A argumentação teórica e a pesquisa de campo realizadas nesta dissertação mostraram que os adultos que coabitam com os pais são influenciados pelas transformações sociais a que a família e o casamento vêm se submetendo. Apontamos aqui que o crescimento da ideologia igualitária entre os membros da família, a tendência de que a adolescência se prolongue, a instabilidade do mercado de trabalho, a volatilidade dos laços afetivos, e o adiamento do casamento têm afetado a vida e as perspectivas do jovem adulto.

Buscamos discutir como o indivíduo se sente no atual contexto social, caracterizado pela efemeridade dos eventos. Para os entrevistados, a instabilidade e a incerteza desse quadro provocam sentimentos de insegurança e medo. Porém, eles possuem diferentes modos de lidar com essa situação. Alguns estabelecem relações descomprometidas, optando por apenas “ficar”, enquanto outros buscam namorar. Ademais, a instabilidade dos tempos atuais afeta também os projetos de casamento dos sujeitos. Os relatos se dividem entre os que se sentem descrentes e não conseguem formular um plano de casamento e aqueles que acreditam que se casarão no futuro.

Além de interferir na vida amorosa do sujeito, tal instabilidade tem consequências também para sua vida profissional. Alguns entrevistados reagem à falta de estabilidade do mundo do trabalho buscando a segurança do emprego público, já outros se arriscam no mercado privado trabalhando como *freelancers*. Para estes, o medo do futuro é mais intenso e a reação dos pais é de preocupação, tentando convencê-los a trilhar a carreira pública.

Conforme enfatizamos ao longo desta dissertação, amedrontados com tantas incertezas, os sujeitos tendem a viver apenas o presente, orientando-se para o curto prazo. Dessa forma, eles buscam se defender das possíveis frustrações que as expectativas em relação ao futuro podem produzir.

Ressaltamos também que a dinâmica familiar é um fator relevante na constituição da “geração canguru”, podendo facilitar ou dificultar o rumo à independência dos filhos. Isto pode ser percebido nos relatos dos sujeitos que apontam para a dificuldade de separação da família. Observamos que essa

dificuldade pode partir tanto dos pais como dos filhos. Os pais podem resistir a reconhecer o filho como adulto, ou mostrarem-se tristes e contrários à sua saída da casa da família, assim como o filho pode não ter a confiança necessária para mudar-se, ou experimentar sentimentos ambivalentes em relação ao distanciamento da família.

Verificamos, ainda, que os entrevistados indicam principalmente a questão financeira como uma motivação para permanecerem na casa da família. No entanto, não podemos justificar o fenômeno do adiamento da saída da casa dos pais somente por essa razão. Os sujeitos revelaram que a casa dos pais lhes proporciona outros benefícios. Dentre eles, destacamos a praticidade, a organização, o diálogo e o alento, que contrastam com o cenário desestabilizador do “mundo lá fora”.

Salientamos igualmente algumas dificuldades vivenciadas pelos adultos que residem com os pais. Constatamos que os entrevistados se sentem incomodados por não se identificarem com o espaço onde vivem, buscando no quarto o local para expressar suas individualidades. A falta de privacidade também apareceu como um incômodo de viver na casa da família. Além disso, nossas entrevistas indicaram que o grupo de mulheres que reside com os pais vivencia essa experiência de maneira diferente da dos homens. Para elas, há menos liberdade para manter relações sexuais na casa da família, fato que elas consideram desvantajoso.

Contudo, a mídia enfatiza mais o conforto e as regalias da “geração canguru”, deixando de lado o sofrimento e as dificuldades enfrentadas pelos adultos que coabitam com os pais (Munhoz, 2012). Diante das dificuldades expostas pelos nossos entrevistados, não podemos concordar com tal visão. Os motivos que mantêm os filhos na casa da família são variados, não podendo ser avaliados a partir de visões reducionistas ou genéricas.

Podemos observar, portanto, que o fenômeno do prolongamento da convivência familiar possui uma característica multidimensional, que abarca tanto as questões pessoais do sujeito, quanto o contexto familiar e social do qual ele é produto. Nesse sentido, consideramos relevante destacar nesta dissertação que a forma como a família se organiza responde ao momento histórico e social em que ela se encontra. Não podemos, assim, tirar conclusões em relação aos adultos que

moram com os pais sem compreender anteriormente os fatores psicossociais ligados a esse tema.

A família, outrora marcada pela hierarquia entre seus membros, hoje é regida pelos ideais igualitários vigentes, oferecendo mais espaço para a negociação e o diálogo entre as gerações. Além disso, os filhos vivenciam um quadro distinto do de seus pais, regido pela instantaneidade, a instabilidade e a valorização da juventude. Desse modo, o indivíduo desenvolve táticas para se adaptar a essa realidade, podendo optar por viver de acordo com a condição adolescente da falta de compromisso.

Portanto, o indivíduo, inserido em tal contexto, adota um estilo de vida que melhor satisfaça suas necessidades emocionais. A família passa, então, a cumprir o papel de proporcionar-lhe não só a sua sobrevivência, mas o apoio e a segurança tão escassos no momento atual.

Referências bibliográficas

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (1970). **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F (org). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ALMEIDA, M. I. M.; TRACY, K. M. A. **Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez, 2003.

ARAÚJO, M. F. Gênero e família na construção de relações democráticas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 9-23.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

AXXIN, W. G.; BARBER, J. S. Living arrangements and family formation attitude in early adulthood. **Journal of Marriage and Family**, v. 59, n.3, p. 595-611, 1997.

———. The impact of ideational dimensions of social change on family formation processes. In: JAYAKODY, R.; THORNTON, A.; AXXIN, W.G. (Eds.). **International family change: ideational perspectives**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2007. p. 251-280.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

———. (2000). **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

———. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERTOL, C. E.; SOUZA, M. Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14149893201000040012>. Acesso em: 16 mai. 2012.

BILLARI, F. The analysis of early life courses: complex descriptions of the transition to adulthood. **Journal of Population Research**, v. 18, Issue 2, p. 119-142, 2001.

BIRMAN, J. Laços e desenlaces na contemporaneidade: a família em (des) ordem. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n. 42, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010358352007000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 set. 2011.

BISSOLI, N. **A representação do feminino em Lucíola de José de Alencar**. 2009. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura Brasileira) - Departamento de Letras, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. 2009.

BLOS, P. (1962). **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BOUER, J. Será que ficar é mesmo novidade? **Veja Jovens**, São Paulo, set. 2001. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/jovens/p_033.html>. Acesso em: 8 nov. 2011.

BOWLBY, J. **Separação**: angústia e Raiva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CALLIGARIS, C. A paixão pelo novo e o casamento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 8-11, 7 de jun. 2001.

CAMPOS, A.L.A. **Casamento e família em São Paulo colonial**: caminhos e descaminhos. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CÂNDIDO, A. The Brazilian family. In: SMITH, T. L.; MARCHANT, A. (Eds.). **Brazil**: portrait of half a continent. Nova York: The Dryden Press, 1951. P. 291-312.

CASTRO, L.R. Childhood and Youth in the Flux of the City: images, impressions and impostures. **Journal of Social Science**, Delphi, India, v. 3, n. 1-2, p. 1-10, 1999.

CAVALCANTI, M. Desafios contemporâneos: o trabalho. CPFL Cultura. Café Filosófico, 18 set. 2009. Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/site/2009/12/01/integra-desafios-contemporaneos-o-trabalho-marcos-cavalcanti/>>. Acesso em: 2 mar. 2011.

CHAVES, J.C. **“Ficar com” a individualização**: um estudo sobre um código de relacionamento no Brasil. 1993. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1993.

_____. **“Ficar com” - um novo código entre jovens**. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

_____. **Contextuais e pragmáticos**: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade. 2003. 212 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-

Graduação em Psicologia Social e da Personalidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003.

———. As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16 n.1, p.28-46, abr. 2010.

COLMAN, W. The Individual and the couple. In: RUSZCZYNSKI, S. **Psychotherapy with couples: theory and practice at the Tavistock Institute of Marital Studies**. Londres: Karnac Books, 1994. p. 126-141.

CORDEIRO, J.C. **O adolescente e a família**. Lisboa: Moraes, 1979.

CORSO, M. Admirável mundo teen. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. Top. II: **O adolescente e a modernidade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

DEMETRIO, A. De olho nos solteiros, serviço faz entrega agendada de meias e cuecas. **O Globo Online G1**, 31 mai. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/05/de-olho-nos-solteiros-servico-faz-entrega-agendada-de-meias-e-cuecas.html>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

DEMOS, J. **The Changing Family: making way for tomorrow** (S. l.: s.n.). 1978. Disponível em: <<http://www.bernardojablonski.com>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

D'INCAO, M.A. O amor e a separação. In: PORCHAT, I. (Org.). **Amor, casamento, separação: a falência de um mito**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1992. p. 55-71.

DOHERTY, W.J. Private lives, public values. **Psychology Today**, Nova York, v. 25, n. 3, p. 32-37, 1992.

DOLTO, F. (1989). **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DUFOUR, D.R. **A arte de reduzir cabeças: sobre a servidão na sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

EVANS, A. Converging patterns to emerging adulthood? Australia and the US in comparative perspective. In: ANNUAL MEETING OF THE POPULATION ASSOCIATION OF AMERICA, 2004. Massachusetts. **Anais...** Maryland: PAA, 2004. 22 p. Disponível em: <<http://www.princeton.edu>> Acesso em: 4 dez. 2011.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998.

———. Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau, 1999. p. 96-117.

———. Construção e dissolução do laço conjugal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003. p. 210-214.

———; MAGALHÃES, A.S. Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005. p. 111-121.

FALCKE, D.; ZORDAN, E. P.; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 56-76, 2009.

FELTRIN, C.C. **Casamento contemporâneo: os aspectos psicossociais que interferem na decisão da conjugalidade no adulto jovem do sexo feminino**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina. 2009.

FIGUEIRA, S.A. **Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FLAX, J. **Thinking fragments: psychoanalysis, feminism and postmodernism in the contemporary west**. Los Angeles: University of California Press, 1990.

GIANNOTTI, J.A. Esquerdas desprevenidas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 16-18, 12 mai. 2002.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1993.

GOLDENBERG, M. Sobre a invenção do casal. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 89-104, 2001.

———. Gênero, "o Corpo" e "Imitação Prestigiosa" na Cultura Brasileira. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 3, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01041290201100030002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 out. 2011.

GOMES, P.B. **Separação: contingência do casamento?** In: PORCHAT, I. (Org.). **Amor, casamento, separação: a falência de um mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 127-144.

GOMES, I.C.; PAIVA, M.L.S.C. **Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding?** **Psicologia em Estudo**, v. 8, número especial, p. 3-9, 2003.

GONÇALVES, T.M. **O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem psico-sócio-ambiental do bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma - SC)**. 2002. 261 f. Tese (Doutorado em Psicologia Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2002.

GUIMARÃES, N.A. **Trajetórias Inseguras, Autonomização Incerta: Os Jovens e o Trabalho em Mercados Sob Intensas Transições Ocupacionais**. In:

CAMARANO, A. A. (Org.). *Transição para vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2006. p. 171-197.

HEILBORN, M. L. **Dois é par:** Gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HENRIQUES, C. R. **“Geração Canguru”:** o prolongamento da convivência familiar. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

———. **Entre o aconchego e os detalhes do cotidiano:** a relação pais e filhos adultos. 2009. 302 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.

———; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES A. S. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. **Paideia**, v. 16, n. 35, p. 327-336, 2006.

———; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. A "Geração Canguru": algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. **Psico**, v. 35, n. 2, p. 109-226, 2004.

HULLEN, G. The effects of education and employment on marriage and first birth. In: FFS FLAGSHIP CONFERENCE, 2000, Bruxelas, Bélgica. **Partnership and Fertility – a Revolution**. Bruxelas: UNECE, 29-31 mai. 2000. Disponível em: http://www.unece.org/fileadmin/DAM/pau/docs/ffs/FFS_2000_FFConf_ContriHullen.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008. O perfil do trabalhador autônomo. *apud* **Jornal Nacional**, 30 abr, 2008. Disponível em: <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0.,MUL579677-10406,00O+PERFIL+DO+TRABALHADOR+AUTONOMO.html>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

———. **Estatísticas do Registro Civil Brasileiro**, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 7 mar. 2011.

———. Anuário Estatístico Brasileiro. **Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA**, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 12 out. 2011.

———; KANTAR WORLD PANEL. *apud* BRASIL, S.; ROMERO, G. Tal pai, tal filho: a geração de jovens que imita e ama a figura paterna. [Editorial 2229] **Veja**: Abril, ano 44, n. 32, 10 ago. 2011. Disponível em: http://www.cognatis.com/noticias/Novo%20tipo%20de%20pai_Veja_10_AGO.pdf>. Acesso em: 30 out. 2012.

IEDEMA, J, BECKER, H.A.; SANDERS, K. Transitions into Independence: A Comparison of Cohorts Born since 1930 in the Netherlands. **European Sociological Review**. Oxford, v. 13, n. 2, p. 117-137, 1997.

IWANCOW, A.E. A cultura do consumo e o adulescente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R2017-1.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

———. Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: novas tendências? In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005. p. 93-110.

KHEL, M.R. Teenagização da cultura. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 7, 20 set. 1998.

LASCH, C. (1977). **Refúgio num mundo sem coração: a família, santuário ou instituição sitiada**. São Paulo: Paz e terra, 1991.

LEITÃO, C. **O prolongamento da adolescência**. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1996.

LINS, R.N. (1997). **A cama na varanda: arejando novas ideias a respeito de amor e sexo**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

LIPOVETSKY, G. (1987). **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MACFARLANE, A. **História do casamento e do amor**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

MAGALHÃES, A.S. **Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1993.

MELUCCI, A. **O jogo do eu**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MORAES, V. Soneto de Fidelidade. **Antologia poética**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

MORRIS, C.G. e MAISTO, A.A. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

MUNHOZ, R.N. **A pertença estendida dos adultos na família de origem**. 2012. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

NASCIMENTO, A.M. Aspectos da transição para a vida adulta no Brasil, dos filhos adultos que residem com os pais, segundo a Pesquisa sobre Padrões de Vida 1996-1997. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2008, Caxambu, Minas Gerais. **Anais...** Caxambu: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1217.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2012.

OUTEIRAL, J. Adolescência: modernidade e pós-modernidade In: WEINBERG, C. (Org.). **Geração Delivery**. São Paulo: Sá, 2001.

PAIS, J.M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PAUL, P. (2003) The PermaParent Trap. **Psychology Today**, v. 36, n. 5, p. 40-53, 2003. Disponível em: <<http://www.psychologytoday.com/articles/200309/the-permaparent-trap>> Acesso em: 01 out. 2012.

POL, E. (1996) Cognición, representación y apropiación del espacio. In: L. IÑIGUEZ; E. POL, E. (Org.). **Monografías psico-socio ambientales**. Barcelona: Universidad Barcelona Publicaciones, 1996. p. 45-62. Disponível em: <<http://www.ub.edu/escult/doctorat/html/lecturas/apropia.pdf>> Acesso em: 13 jul. 2012.

RAMOS, E. **Rester Enfant, Devenir Adulte, la cohabitation des étudiants chez leurs parents**. Paris: L' Harmattan, 2002.

ROCHA, A.P.R. **A Adolescência como ideal cultural contemporâneo**. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2002.

ROCHA-COUTINHO, M.L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROSSI, C. Os novos vínculos conjugais: vicissitudes e contradições. In: GOMES, P. B. **Vínculos amorosos contemporâneos**. São Paulo: Callis, 2003. p. 77-108.

ROTA, M. **18 à 25 ans: la postadolescence et ses problemes**. Toulouse, Privat, 1993.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SALEM, T. O casal igualitário: princípios e impasses. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 3, n. 9, p. 24-37, fev. 1989.

SAVIETTO, B.B. Passagem ao ato e adolescência contemporânea: Pais "desmapeados", filhos desamparados. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 10, p. 438-453, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103863X2010000300014&script=sci_art_text>. Acesso em: 22 set. 2011.

SENNETT, R. (1998). **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVEIRA, P.G. e WAGNER, A. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. **Estudos em Psicologia**, Campinas, v. 23, n. 4, p. 441-453, 2006.

SIMMEL, G. On individuality and social forms. In: LEVINE, D. (Ed.). **Sociability**. Chicago: University of Chicago Press, p. 127-140, 1971.

SINGLY, F. **Uns com os outros**: quando o individualismo cria laços. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

TAUBE, M.J. Alianças partidas ou a dor da separação conjugal nas camadas populares. In: PORCHAT, L. (Org.). **Amor, casamento, separação**: a falência de um mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

THÉRY, I. **Difference des sexes et difference des generations**. Malaise dans la filiation. Esprit: Paris, 1996.

TOLEDO, K. Parcela de jovens adultos que moram com os pais dobra em duas décadas. **Estadão**, São Paulo, 18 abr. 2010.

VIEIRA, E.D. **Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade**. 107 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ZORDAN, E.L.; FALCKE, D. e WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 56-76, 2009.

WAGNER, A. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. **Estudos de psicologia**, Campinas, v.23, n.4, p. 441-453, out./dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2006000400012&script=sci_art_text. Acesso em: 31 out. 2012.

WILLEMS, E. **The Structure of the Brazilian Family**. Social Forces, v. 31, n. 4, p. 339-345, 1953.

WINNICOTT, D. (1971). **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975

Termo de consentimento livre e esclarecido

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Título da pesquisa: “Geração canguru”: entre o conforto e o desamparo

Mestranda: Iris Massena Gallagher

Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro

E-mail: iris.gallagher@gmail.com

teferca@puc-rio.br

Com este trabalho de pesquisa pretendemos compreender melhor as questões relacionadas ao prolongamento da convivência familiar. Assim, o objetivo geral desta investigação é dar continuidade ao estudo sobre a chamada “geração canguru”.

A pesquisa é realizada a partir de uma entrevista gravada e, posteriormente, transcrita, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações têm caráter confidencial, portanto sua identidade será mantida em sigilo.

Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento.

Assinando este formulário de consentimento, você estará autorizando a pesquisadora a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família.

Eu, _____,
fui informado (a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, o que indica meu consentimento para participar desta pesquisa.

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

Rio de Janeiro, ____/____/____

8

Anexo II

Roteiro de entrevista

Como é para você morar com os seus pais?

Quais são as vantagens e desvantagens de morar com os seus pais?

Como você vê as relações amorosas hoje?

Breve descrição das suas relações amorosas.

Como é a relação dos seus pais com o seu parceiro?

Planos de casamento.

Como você vê o mundo do trabalho hoje?

Breve descrição dos trabalhos exercidos.

Como é a relação dos seus pais com o seu trabalho?

Quais são os seus planos profissionais?

Como você se vê daqui a um tempo?